

4—ABRIL—1925

P830



*Phot. Elite*

NUMERO 184

ANNO V

5<sup>00</sup>  
RS

OL PINHEIRO

Recusae, a despeito de qualquer circumstancia ou preço, as imitações e as preparações ilegalmente chamadas "Aspirina". Só aceitae os comprimidos de Aspirina que estiverem protegidos, ao mesmo tempo, pelo nome Bayaspirina, no envolucro e pela "Cruz Bayer" em cada comprimido.

Esta marca registrada é hoje o mais alto symbolo de pureza e efficacia em todas as partes do mundo.

BAYASPIRINA não affecta o coração ou os rins nem tão pouco causa perturbações gástricas quando tomada de accordo com as direcções.

BAYASPIRINA (Comprimidos Bayer de Aspirina) é reconhecida e receitada pelos medicos ha muitos annos como o unico producto original e legitimo.

Exigi sempre isto!

Scienciado pela Direcção Geral de Saúde Publica, sob o N. 205 em 16-10-1916.



Quando Ritinha Nunes e Carlos de Athayde se relacionaram intimamente, havia, a separal-os, quanto a possibilidade de um consorcio, a idade de ambos. Um lapso de onze annos os afastava...

Apezar de primos, não se haviam ainda approximado tanto como naquella noite em que, na residencia do dr. Siqueira, se celebravam as festas de São João Baptista.

Porque coincidissem o natalicio da esposa com os festejos do Santo, o querido clinico, que era a urbanidade em pessoa reunia em familia, os amigos, fazendo-os partilhar os recessos de uma data e os folguedos de uma noite, que já lhes eram habituaes...

Foi assim nesse ambiente de cordialidade e de alegria, que Carlos se apaixonara pela prima.

De facto, Ritinha, nessa phase em que a menina se faz moça, ignorante ainda das tentações do mundo, era uma creaturinha meiga e simples...

Não a preocupavam ainda a "coquetterie" e a maldade.

No entanto, vestia-se com apuro, não deixando nunca de pôr um laço de fita no cabelo castanho á altura da nuca.

O que mais a impunha á sympathia dos que a conheciam era a sua circumspecção precoce, em que transparecia um character promissor.

Risonha, quando o que lhe diziam era de inteiro agrado, e séria, quando a obrigavam a pensar, Ritinha, livre do casulo da meninice, sacudia as azas de phalena num ambiente amigo.

Todos lhe queriam bem.

Attenciosa, accessivel, solícita, ella deixava no espirito dos que a viam e ouviam a impressão de que sahiria dali, daquelle rebento juvenil — mixto de carne e flôr — uma creatura em cujo coração se teriam de reunir os mais puros sentimentos de candura e de affeição.

Sem ser peregrinamente bella, uma vez que as linhas que lhe compunham o perfil "mignon" em que destacavam dois olhinhos vivos e brilhantes, não se correspondiam harmoniosamente, — era, comtudo, linda e graciosa.

## II

Sem a esquecer um só instante, vendo-a reproduzir-se em tudo e em toda a parte, Carlos assistia, com o transcorrer do tempo, ao desmoronamento de um castello que nunca chegára a construir.

Attendendo mais ás suas precarias condições de burocrata do que mesmo á sua idade, posto que se julgasse velho para desposar uma joven sopitava no intimo alancea-

do o amor que o faria feliz e que, no entanto, o tornava desgraçado!

Entre o desejo de contar-lhe tudo e a duvida de ser comprehendido, ficava indeciso. Hesitava. Approximava-se-lhe, mas nada lhe dizia. Mas, atravez dos seus olhares — desses gestos mudos, mas supplices, em que se exteriorisava, — Ritinha sem lhe ser indifferente, percebia o amor que o avassalava, dominando-o todo...

Foi assim que elle um dia, sem nenhum protesto, a viu fazer-se noiva!

Que lhe restava, a elle agora?

Calcar no peito a magua de perdela?

Sopitar no intimo a ansia de nunca, nunca a possuir?...

## III

Ritinha mudára completamente... Já não era a mesma... Dos seus modos, dos seus costumes nada lhe restava! Era o inverso do que fôra. O genio affavel e o trato gentil cedera lugar a gestos que lhe iam mareando o brilho das virtudes que desapareciam aos poucos...

Só duas coisas a preocupavam agora: a Belleza e a Mocidade!

Para mantel-as, recorria a toda a sorte de artificios...

A moda, por mais exquisita que fôsse, por mais exigente que se lhe apresentasse, pagava o seu tributo!

Dava-se toda ao culto do Bello e da Forma.

O corpo valia mais do que o espirito. Este era abstracção, hypothese; ao passo que aquelle — realidade tentadora — lhe merecia todos os cuidados...

A "toilette" tinha mais brilho do que as imagens do mais bello pensamento.

Ella se modificava a olhos vistos.

Aquelle passelo, no verão, a longinqua cidade do interior deixara-a indecisa e confusa... A paisagem imprevisita, associada á idéa do que lhe fizera o noivo — a "falta" inesperada e já irreparavel — não lhe sahía da mente.

Não obstante o largo periodo de noivado, que não chegava nunca a effectivar-se, Ritinha desmanchou-o, com surpresa de todos!

Tivera um gesto que se afigurava a muitos acertado. Na realidade, porém, não o era, pois não lhe seria possivel mais aceitar a côrte de outro homem sinão a daquelle que a acompanhara a toda a parte...

A noticia que se desmanchára o casamento, reticenciada de perfidias e vilezas, chegára aos ouvidos de Carlos, que a recbêra com desolacão e tristeza.

Lamentava, do intimo da alma, o infortunio daquella que não o quizera comprehender, ferindo-o fundo no coração.

O facto, narrado de ouvido a ouvido, já andava de bouca em bouca...

Ninguem mais ignorava o que acontecera a Ritinha...

Que seria de si, daquelle momento em diante?

Deveria esquecê-la ou aviventar a chamma que se teria de apagar dentro de pouco?

Deveria abandoná-la, ou seguir-lhe os passos como a propria sombra?

Não sabia! E, que o amor, já o dominava inteiramente, impunha a sua vontade discrecional...

Não sabia! Sim! Não sabia!

## IV

Que lhe restava a ella agora?

Nada? Ou o appello áquelle que nunca a esquecera e que talvez ainda a visse entre as sombras do seu crepusculo de amor?

Quiz falar-lhe, um dia; mas, por sua vez, a palavra morreu-lhe na garganta.

Só lhe restava um geito: escrever-lhe. Escrever-lhe-ia.

## V

Houve troca de cartas. Combinou-se um encontro. A hora aprazada e no logar escolhido, os dois, pela primeira vez, "tête-à-tête", fitaram-se demoradamente...

Certa mesmo de que elle nada ignorava, Ritinha resolveu-se a falar-lhe... Contou-lhe tudo o que havia feito num momento de insensatez, de doídice...

Que havia de mais que elle agora a esposasse?

Chegára a occasião de lhe pôr á prova o amor que, parecia, se não arrefecêra nunca!

Mas... E os preconceitos sociaes?

Que pensaria elle dessas convenções com que se "travestem" as sociedades humanas?

E a honra? Como elle a concebia? Como um simples phenomeno physiologico ou como um "dogma" da "ethica" em que se apoia a sociedade em que viviam?

Que lhes importava a ambos a maledicencia, se elles se iriam integrar no mesmo destino de se amarem mutuamente?

Não era os mesmos os seus labios? Ter-se-ia, porventura, estancado a fonte de seus beijos? Já não teria afagos e carinhos?... Com a virgindade não se lhe fôra a alma: esta vibraria ainda, si elle a desperdasse com os seus desejos recalçados...

Carlos estava perplexo! Ouvia-a attentamente. E, apesar de ouvi-la assim, evocava o passado. Quão diferentes eram agora a menina de hontem e a noção de hoje! O botão de rosa, mal se abrira desfizera-se: evolára-se-lhe o aroma com que ella o attrahira, a elle tambem que já não pensava como dantes...

—Sim. Que eram, afinal, os preconceitos sociaes? Ouropéis de Aretinos? ou mascaras de Tartufos?

O preconceito da honra era identico ao do casamento. Aquella nada significava e este nada valia!

Por que, pois, corrigir um "erro" com outro "erro" que não absolviera da supposta "falta"?

Deviam, sim, respeito á Natureza, que lhes iria unir os corações, collocando-os acima de tudo, e não á Sociedade, que a contrariava, antepondo-se ás suas leis!

O que lhe acontecera nada representava para elle.

O amor, que só lhe obedecia ás vozes do coração e ás luzes da Consciencia, triumphára!

Dias depois, com a surpresa dos seus e o espanto de todos. Ritinha e Carlos, como dois passaros livres, e felizes, celebravam sem testemunhas e apparatus, as suas nupcias rindo-se dos preconceitos da mentira humana!

AGRIPINO DA SILVA

Contra factos não  
ha argumentos!

O "Café Guanabara"

é o unico que V. Exc. deve usar  
na sua residencia.

Teixeira Miranda & C.<sup>a</sup>  
Rua Direita

Fabrica Favorita

Bombons e Caraméllos

J. FRAGOSO & C.<sup>a</sup>

Praça do Mercado 123, 127 e 131 -- Recife

# PARODIAS

I

## DO DEVEDOR

—Tome canalha esta tesoura e corte  
minha arrazadissima figura!  
Que importa a mim que esta matilha impura  
hypotheque-me todo após a morte!

Eu sei que fui, no mundo, um ser sem sorte!  
Mas, tambem, dizem mal do padre cura,  
um santo padre de alma casta e pura,  
sublime crente em Deus-sublime e forte!

Eshandaihe-se, pois, a minha vida,  
tal pedra de "badoque" saccudida  
no recesso de um poço bem profundo;

mas, que jamais eu leve á eternidade,  
uma só, uma unica saudade  
da ultima conta que eu deixar no mundo!

II

## DO GRINGO DA PRESTAÇÃO

—Comprar á prestação, meu filho, escuta,  
é ter na vida um tragico impecilho!  
Não compres, pois, a prestação, meu filho  
se queres compensar a tua lucta,

—Ouça-me, pae: a quebradeira é bruta;  
no bolso não se encontra "grão de milho";  
a minha roupa murcha, perde o brilho,  
como murcha, no galho, a pobre fructa!

Não é possivel pae — Meu Deus que digo! —  
que eu viva, por ahi, como um mendigo,  
esfarrapado, rôto, pedinchão!

E do outro dia o pae viu seu rebento,  
aos beijos, aos abraços — que tormento! —  
Com o Gringo, freguez da prestação!

III

## DO DINHEIRO

"Arame"! Satanaz em fogo ardente  
que em cada caixa forte tumultua!  
"Centenaria" sonante e reluzente  
causadora de roubo e falcatrúa!

Dinheiro! Perdición da humana gente,  
em casa, nos cinemas e na rua;  
na garrafa de "canna" alvincente,  
no corpo esbelto de uma mulher núa!

Mulher: eu que te ergui um hymno agora  
que do meu coração te fiz senhora,  
soberana, rainha, deusa, tudo,

dize-me se serei, á muito custo  
Imperadôr deste teu corpo augusto  
quando um dia meu bolso estiver "mudo".

LEDUAR DE ASSIS ROCHA.

## DINHEIRO!

Quereis ter bom juro de vosso capital?

Effectuae vossas compras na



## A SYMPATHIA

O maior sortimento em sedas e linhos

Pura tricoline em padrões chics de 10\$000 a 7\$800  
Seda levavel, japoneza legitima " 15\$000 " 11\$000  
Crepe de seda (espuma alta moda) " 30\$000 " 24\$000  
Linhos em cores. . . . . " 12\$000 " 9\$800  
Esponja—tecido fino . . . . . " 15\$000 " 10\$000

Meias de seda dos melhores preços.

Uma visita na **A Sympathia** em seu novo predio

**Rua do Livramento, 80**

**O Sabonete "RIALTO"**  
**é o preferido por todas as pessoas**  
**de bom gosto**

De aroma delicadissimo e cuidadosa  
confeccção, o seu uso

refresca e embelleza a pelle

*Vende-se em toda parte*

---

**O SABONETE**  
**ZANUBIA**

rivalisa com os mais finos sabonetes estrangeiros

Uzal-o uma vez, é preferil-o sempre

---

**Tintas para tingir em casa**  
**SUMIOR**

Tinge todos tecidos e em todas as cores

E' a ultima palavra em tintas para tingir

**Exijam sempre a marca "Sumior"**

VENDE-SE EM TODA PARTE

Unicos Agentes : **Martins Pires & Cia.**

Rua do Livramento N. 110-1º andar

# Concordia! Rua—Menina!

Oh Rua da Concordia! E's a Teteia  
Da Cidade-Mulher, da Mauricéa!

Tuas modernas chacaras em alas,  
Dos templos medievaes lembram as salas.

Em tardes invernosas e plangentes,  
Tristezas, afflicções, jamais tu sentes.

Quando cáe sobre tí chuva pesada,  
Ella tem a cadencia da ballada.

Em noites hibernaes, caliginosas,  
Dormes o somno plácido das rosas.

E's a arteria das dôces illusões,  
E que traz em ruínas corações!

Amo a Concordia, a Rua dos meus sonhos,  
Em momentos alegres e tristonhos!

A Rua da Concordia é quem me evoca  
A esguia silhueta de Lindoca.

Lindoca sempre alegre e delicada,  
Recorda-me dos bosques uma fada!

E Bertha Magalhães, a *midinette*,  
Sabe tão bem tocar o *gigolette*!

Vejo Palmyra, a trérega Palmyra,  
Que passa juntamente com Alzira.

Oh Palmyra, você D. Alegria,  
Onde foi arranjar tanta myopia?

Alzira, o que é você? Moça ou Menina?  
—Eom dia, Batelão! Já viu Christina?

E' Christina, a Christina donairoza,  
Que traz meu coração em polvorosa.

Christina, a "hespanholinha d'além mar"  
(Disse Paulo Fernando) é singular!

Eu me julgo um Pierrot desventurado,  
Vivendo eternamente apaixonado!

E Christina, essa heráldica Christina,  
Faz-me lembrar a frágil Colombina!

Santinha Gama e Deborá Monteiro,  
Duas rosas dum mystico canteiro!

Olguinha! Quanta graça tem Olguinha,  
Tracy Pontes! Bella criaturinha!

E Maria de Lourdes N. Almeida...  
Que sublime voz! Typica! De sêda!...

Albertina que mora lá no fim  
Da Concordia! Odorifero jasmin?!

Beatrizinha, a garota Beatrizinha,  
Está cada vez mais engraçadinha!

Viva a Concordia, a Rua da Cidade  
Que não inveja arteria na Cidade!

Ave Concordia! Rua.Serpentina!  
Rua-Menina e Rua-da-Menina!!!...

BATELÃO.



— Eu affirmo de sciencia propria.

De hoje até o fim deste anno a casa

**Estrellas do Brasil**

realizará a mais honesta  
**Liquidação**

do seu variado stock de fazendas.

Pelo custo real serão vendidos grandes lotes de modernos tecidos.

As Ex.<sup>mas</sup> familias não devem perder a occasião de visitar a casa

**Estrellas do Brasil**

**Rua Nova, 208**

Mudaste de afeição... e vae a andar...  
NÃO te bastava o meu sincero amor...  
—E's voluvel, tens a alma duma flor...  
—E esfinje, para mais nos perturbar...

...E eu não sei que prestigio singular  
Me fez prender, a ti, com fervor...  
Foi teu corpo? Teu rosto encantador?  
Mysterio que eu não posso decifrar...

Vae andorinha, lésta, desvairada,  
Nessa allucinação estranha e louca,  
Pousando, assim, de Sonho em Sonho, aláda...

—Mas ficarás, gravada, em meus sonetos...  
—Sempre lembrada pela minha bocca...  
—Brilhando sempre nos meus olhos pretos...

STENIO DE SA'.



## Aranha



Traço-eira, aquella aranha incomprehendida  
Roubou-me o somno... Que te fiz, insecto?  
Quem te mandou aqui, ó grave aspecto  
De quem fugiu ao Mundo, a propria lida?

Depois, que mal te causa essa dormida,  
Para que sob a luz de humilde tecto  
Venhas roubar a calma, ó vil e infecto,  
A quem mal não te faz por toda a Vida?

Porque esse odio voraz que hoje te açula?  
Nem eu sou mosca para a tua gula,  
Segue o exemplo do sapo no paul...

...E a aranha, horripilante, pobre e feia  
Foi construir a sua humilde tela  
Junto da casa de uma mosca azul!

PINDARO BARRETTO.

Andorinha —  
mulher que,  
linda e voluvel,  
pousou em  
minha vida...



## Remissão de Satan

Ao descer do crepusculo. São João parmilhava uma vereda sombreada de macieiras floridas, quando um soluço lhe chegou aos ouvidos. Olhou para traz e avistou o Demonio estendido no pó da estrada, implorando misericórdia, sacudido por um choro de desespero.

— Que padeceis, renegado? — inquiriu-lhe o santo compadecido.

— Oh filho de Jeovah! — respondeu-lhe o triste, alliviado. — Eu soffro muito! Mas aviso-te que sou teu inimigo, apostolo de Deus! Sou Satanaz; ha longos annos que a morphéa me dilata o corpo, e os meus chifres apodrecem, e a minha alma se encolhe, enregelada, e o meu coração se sobressalta dentro de mim, como uma aranha numa fogueira. Eu sou impotente para curar-me, porque desconheço o balsemo ethereo que radia de tua mão benigna, velho hebreu!

— Satanaz — consolou-o o boudoso companheiro. — A dor é a escada de trévas por meio da qual a alma sangrando, procura Deus. Soffre, Satanaz. Eu poderia com a minha vontade, essa agua azul do espirito, lavar a hediondez que te macula a vida, renegado! Soffre, porem; eu não te sanarei a morphéa e os cancores arroxeados...

# MAISON CHIC

Estabelecimento unico especial no Recife

onde V. Exc.<sup>a</sup> encontra o melhor sortimento de **Costumes e Sungas** para creanças.

**Chapéos, gorros e bonetes** modelos elegantes em seda, cazemira, palha e panno, sortido completo.

**Meias** para creanças.

Grande sortimento de **agasalhos** para meninas.

A'em destas suas especialidades a

**Maison Chic**

salienta-se na primorosa escolha de artigos de gosto apurado para senhoras e cavalheiros.

Visitem a

**MAISON CHIC**

**265, Rua Nova**



Vae pelas estradas e pelas ruas, batendo a tua sineta de leproso...

— João, apóstolo bem amado — censurou Satanaz. — Não te lembras da aparição de Jesus numa noite, ao cair da serenidade branca do luar sobre o casario de um suburbio de Jerusalém? Elle pregava: "Semeae o consolo pelos que padecem, dae de beber aos que têm sede!" Não te recordas dessa phrase do Galileu, missionario esquecido? E' mais util uma acção mediocre do que discurso eterno... Fazes-me arder neste fogarido de pústulas, que me rõem... Isso é maldade, João... Isso é maldade...

— Tã não queres comprehender a necessidade da dôr, Satanaz. Job a experimentou deante do Céu, rastejando as melenas sobre as sargetas, escabujando num monticulo de palha. Elle viu que o desgosto é a labareda que tempéra a cimitarra do coração.

— Job proclamou a sua ira contra o Sennor, João! E eu sou mais humilde do que Job; eu apenas obteço a fatiada, que me ceilon de uma rede de chuvas e me crivou a sombra de insectos venenosos...

João desviou o rosto para a estrada, que se descobrava limpida como a curva de um rio na primavera:

— Soffres pela Perfeição, Satanaz... — disse elle.

Satanaz levantou-se inopinado. As legioes do inferno lhe fuzillaram na alma revoltada:

— A Perfeição! A Perfeição! Oh! a Perfeição é a inercia, discipulo amado! A Perfeição é o egoismo, o vôo sem azas, a belleza sem fórmãs a symphonia sem musica, a igualdade sem amor, a alvorada sem passaros... A Perfeição é a monotonia perversa... a inanidade... a inuidade do abysmo...

— A Perfeição é Deus.

— E para que serve Deus, si elle nos encaminha para o nada?

A Perfeição é o Nada...

— O Nada é a fôz dessa corrente de gritos, de amuções, de miserias, de thronos, de castellos, de choupanas, onde todas as coisas vão se esquecer na tranquillidade da Morte...

— Ah! João! Si Deus é a Morte, eu quero buscalo! Eu quero ser puro, eu quero ser bom, eu quero ser igual ao Nazareno! E eu me tornei tão puro e tão bom que o teu Jesus encostará a fronte scintillante ao meu hombro, e me ocellará com os tres beijos da amizade...

Tã não ignoras, João, que eu não existo. Eu sou a ignorancia da Humanidade, a inexperiencia do Homem...

— Sim, Satanaz.

— Pois bem, discipulo amado, eu quero desaparecer em mim mesmo fluidica-me no desaggregamento do

# Mercurio Colloidal Néo-sorosol

## Instituto Biotherapico de Bello Horizonte

Conselho tecnico: Drs. A. Godoy, A. Machado, Marques Lisboa e Carneiro Philippe

Director Gerente: — A. Libanio Pharmaceutico Ismael Libanio

A illustrada classe medica tem no NEO-SOROSOL um novo producto mercurial que se recommenda particularmente por possuir vantagens reaes sobre todos os similares.

- 1) O NEO-SOROSOL não contém analgesico e é absolutamente indolor;
- 2) O NEO-SOROSOL é um composto de sulfureto de mercurio (S. Hg) em estado colloidal de concentração até hoje não attingida e obtido por processo inteiramente original e patentado;
- 3) O NEO-SOROSOL é um preparado cujo colloid se mantém absolutamente estavel por isso nenhuma necessidade de agitar as ampolas;
- 4) O NEO-SOROSOL não se altera com o tempo, em qualquer tempo o mesmo valor therapeutico;
- 5) O NEO-SOROSOL é de prompta assimilação e não produz nodulos;
- 6) O NEO-SOROSOL é 10 vezes mais rico em mercurio do que qualquer dos preparados colloidales conhecidos na clinica ou estrangeiros;
- 7) Pela sua forte concentração, sob a forma de ultra-granulação ultramicroscopica, e o NEO-SOROSOL, sulf. mercurio de extraordinaria acção therapeutica no moderno tratamento da syphilis em qualquer das suas manifestações.

Literatura e outras informações com os depositarios locais para todo o Brasil

ISMAEL LIBANIO & COMPANHIA

## Pharmacia Americana e Drogaria

Endereço telegraphico — LIBANIO

Rua da Bahia, 928 — Tel. 74 — Bello Horizonte — Minas

O NEO-SOROSOL é encontrado em todas as drogarias, pharmacias e casas de cirurgia

somno espirital; eu quero o descanço, a nostalgia sem idéas do repouso...

— Vem então, commigo, desgraçado. Era o teu destino; chegaste afinal, a reconhecer que não existes, nunca exististes...

— Eu não existio, mas não sou o vacuo... Eu não respiro, mas não sou o Nada... Eu quero o Nada...

— Vem, portanto, para a minha grei, Satanaz. Arrima-te ao cajado, embrulha-te no manto de lepra que te colla ao dorso. Eu te ensinarei o caminho delictoso da Perfeição...

— Obrigado; seguir-te-ei as pegadas humildemente, como a estrige segue os vestigios do sol moribundo. Seguir-te-ei, procurando o anniquilamento, a exhaustação do Não Ser, o descanço da Morte... Eu serei teu escravo, porque disseste que vou morrer, João...

E, cabisbaixo e triste, o condemnado e o eleito se sumiram, na dobra da vereda sombreada de macieiras em flôr.

PADUA DE ALMEIDA

o o o

## Jornal da Lavoura

Circulou hontem o *Jornal da Lavoura* n. 13, anno III com o seguinte summario: — Rumo ao Campo, Contra o Cangaceirismo, A Fazenda e o Campo, Cultura de Cereaes, Pelas Revistas e Jornaes, Os couros de bois e a Industria de Cortumes, Publicações recebidas, Estado da Parahyba, A maior praga da Mandioca, Jockey Club, Os trabalhos japonezes, Industria Pastoral, A Regulamentação do Trafego, Movimento Commercial e Noticiario.

V. S. já comprou o seu

**Ford**  
THE UNIVERSAL CAR

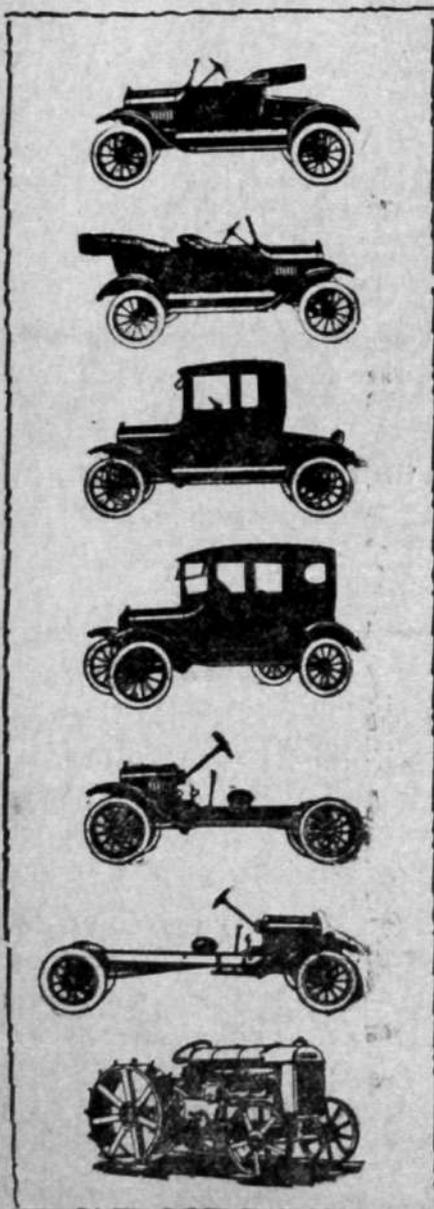
Visite sem demora a grande exposição dos modelos de 1925

que está fazendo a firma

**Oscar Amorim & C.**

Rua da Imperatriz, 118  
e

Praça da Independencia  
n.ºs 32 e 34



Si V. S. precisar carregar o accumulador do seu auto, se precisar de pneus ou camaras, graxas, oleos, etc., procure servir-se em nossas casas que será promptamente atendido.

## Num jardim

As flôres todas sonhavam  
A' luz que a lua derrama,  
Como os suspiros que sonham  
No coração de quem ama...

A lua triste e saudosa  
Despetalava-se em luz,  
Como uma flôr argentina  
Que Deus mandasse a Jesus...

Numa roseira, uma rosa  
Dormia aberta e risonha,  
Como um suspiro de virgem  
Quando sonha...

E eu fui colher essa flôr  
Que tinha a côr duma aurora,  
Como quem colhe, num beijo,  
Os labios de quem adora...

Colhi... Malvada! Feriu-me  
Com seu terrível espinho,  
Como uma sella inclemente  
Ferindo os risos dum ninho...

Quantas mulheres, assim

Como essa flôr perfumosa,  
Escondem os seus espinhos  
No perfume dos carinhos  
E na beleza mimosa!...

MARIO ELIAS LEAL.

## O pobre apaixonado

Todo dia aquella tristeza. Não sei como podia supportar uma vida tão cheia de melancolia. Nunca se lhe via o sorriso. — este sorriso que nós sentimos em horas alegres. Bem reconhecia que não podia ter. A grande miséria não o deixava um só instante.

Era uma alma meiga que, talvez pensasse, ainda, no soffrimento do amor.

Coitado; mettia-me d'ó vello cabisbaixo a vaguear pelas ruas, sem a consolação dum coração mais triste que o d'elle. Sempre meditava alguma coisa!... pensava no ente amado...

Parece que sabia o seu amor. Tinha os olhos voltados, constantemente, para um lindo sobrado; e ahí, via-o chorar muitas vezes.

Um dia tive interesse de saber a sua desventura. Perguntei-lhe, e elle se calou, como que resignado da sorte. Insisti; porem conservou-se mudo. Tive impaciencia e pedi-lhe carinhosamente:

— Então vives sempre assim?

— Porque me perguntas?

Queres fazer-me soffrer ainda mais? Deixe a minha infelicidade; ella me ama...

Depois tornou-se soturno. Tinham sido as ultimas palavras suffocadas pela agonia. E se foi pisando num

caminho que era o seguido por seus passos, a tantos annos. Sumiu-se enfim nas estreitezas das ruas.

Quando me senti só, corri á sua procura. Havia desaparecido. Foi-se abrigar ao collo de sua amada, a grande sombra que elle adorava. Parecia naquelles momentos, afflicto para fugir.

Já me havia esquecido, com o passar do tempo, tudo aquillo. Quando torno a lembrar, por acaso aquella triste sina de apaixonado. Indaguei a todos. Ninguem o conhecia! Fui novamente procurá-lo, e ouvi duma preta velha que me relatou:

— O pobre apaixonado!... Elle expliou, quando se approximava o enlouquecimento. Tinha tido o sorriso que nunca suppoz tello, e murmurava baixinho alguma melodia. Dizem que foi o amor dum pequeno anjo afroso que lhe causou o seu infortunio. Elle era rico e amava a esbeltez da linda joven. Eram duas almas lindas que se abraçavam para um céu em flôres. Ella com seu arzinho feliz, e elle com seu amor ardente. A felicidade tinha os conjugados.

A sua riqueza foi empregada em extravagancias. Dizia sempre: "o dinheiro é inconstante". Não queria perder, somente, a sua amada.

A ultima vez que o encontrei disse-me "irmãos unidos, mulher e



# TRIAN

## Pó de Arroz da Elite

A sua formula foi extrahida do livro "MINHAS MEMORIAS" de Cléo de Merode, a artista que dominou Paris pela rara belleza.

O "Trian" é um pó adherente impagavel e de uma suavidade encantadora de perfume, o "Trian" amacia a cutis, dá-lhe colorido natural e muito vigor.

A Agua de Colonia "Trian" reputada a mais cara das aguas de Colonia nacionaes, porem superior as nacionaes e estrangeiras.

A agua de Colonia "Trian" como o Pó de Arroz "Trian" já se acham á venda nas melhores perfumarias e casas de moda de nossa praça.

Vão ser os productos presferidos pelas elegantes recifenses.

Agentes Depositarios — Araujo & Moreira — Rua Pedro Affonso N. 137 — RECIFE

Deseja V. S. ser bem servido  
na confecção sob medida  
de lindas camisas e pyja-  
mas dos mais modernos e  
finos padrões e tecidos?

Procure a :                     

*Camisaria Nacional*

Rua do Sol n.º 391

## ***Salutares***

E' a ultima palavra em desinfectante. O seu em-  
prego nos escriptorios, collegios, cinema, ,  
cafes, gabinetes sanitarios, estabelece um  
ambiente agradavel e hygienico.

Depositarios — **Carlos Vianna**

Rua Larga do Rosario, 128-1.º and.

dinheiro..." Agora compreendo o que sejam as suas palavras!

Elle morreu sonhando a sua paixão... Ella se envolve nos braços de outros, saltitando daqui e dali, sem rumo certo, fazendo desses passaros sagazes pelo amor, outros encaminhadors á loucura:

A boa prôta parecia, tambem, ter pelo solitario o mesmo constrangimento que me amargurava.

Quando me despedi della, ainda mostrou-me outro canario que se approximava do alcapão... FALALTO

o o o

## Forquet me-not

Myosotis era bem luda; os seus olhos de um azul dulcissimo e as suas longas tranças doiradas chamavam a atenção dos viajantes que a appellidaram "A Fada do Bosque".

— Tinha 18 annos e era pastora. Vivia com um casal de velhos, que a criara desde que mãos mysteriosas a collocaram á porta de sua cabana e, que quando interrogados a este respeito, respondiam sorrindo: — "Myosotis nasceu de um ralo de luar, o seu primeiro berço foi um canteiro de myosotis; ella é um presente do Céu". — E na verdade era, tão linda, quã meiga e boa, era o encanto daquelle pobre lar tão falto de conforto, mas tão cheio de felicidade.

Assim se passavam os mezes e Myosotis, alegre e descuidosa, ia re-

ver todos os dias a sua formosa imagem, num pequeno lago todo cercado das florinhas que tinham o seu nome, e que ella mesma plantára e cuidava como se fôsem suas irmãs. Muitas horas passava ella a scismar, os doces olhos azues velados por uma suave melancolia.

Por que Myosotis não seria de todo feliz?

Uma vez em que, como de costume, se revia no seu querido lago, viu desenhada nelle a imagem de esbelto rapaz, que embevecidamente a contemplava. — Myosotis tremula de susto, virou-se e quiz fugir, mas elle, supplicante, chamou-a e como ella obedecesse interrogou-a pedindo informações da terra em que estavam.

Era um viajante perdido em uma feia noite de tempestade e, sem guia andára dois dias ao acaso, até que chegára aquelle pequenino paraizo.

— Myosotis, cheia de dó, levou o exaustivo viajante para a sua cabana, e os velhos o receberam cheios de sympathia offerecendo larga pousada.

Uma semana se passou, e Myosotis cheia de sonhos e amor se esquecia do pequeno lago e dos seus irmãosinhos. — Quem vendo, os deixaria de amar aquella tez de nacar e aquellos olhos celestes?! Amavam-se e a separação foi cruel.

— "Adens! Myosotis, adeus meu unico amor, Voltarei, Serás a mi-

nhã rainha e dona do meu coração. E então viverás para sempre entre os meus braços".

As lagrimas coriam, fio a fio, pelos olhos della, e a sua voz estragulada pela dôr, murmurou, num soluço.

— "Não t'esqueças de mim". — Elle partiu. Passou-se muito tempo Myosotis já não chorava mais. Passava agora os dias, immovel á beira do lago, olhando, o sombriamente. Não fazia mais aquellas tranças doiradas, que encantavam os caminhantes. O seu cabello vivia solto ao vento. Não prodigalisava mais carinhos aos seus amiguinhos myosotis, que em vão floriavam para vê-la mais alegre. Myosotis era a verdadeira estatua da dôr.

Os velhos em vão imploravam que esquecesse o ingrato; aconselhavam-na, mas era em vão.

Myosotis respondia com um sorriso tão triste de fazer chorar.

— Uma noite de luar, calma e doce, as aguas tranquillas do lago abriram-se para receberem o mimoso corpo de Myosotis, enquanto a sua alma suavissima e pura se elevava aos céos, envolta em tenue ralo de lua.

— Elle a trouxera, elle a levava. E, ainda hoje, nas noites tristes de luar, os myosotis murmuram baixinho:

— "Não t'esqueças de mim"...

CLARICE GROSS

# Remington



# Portatil

Um verdadeiro triumpho no genero este novo membro da familia Remington. Indispensavel a todas as pessoas, seja qual for a sua profissão.

Ella é compacta, cabendo num estojo de apenas 10 centimetros de altura.

E' commoda, porque pode ser usada em qualquer parte, mesmo sem meza.

E' completa, porque é dotada de teclado identico ao das machinas grandes, com 42 teclas.

Estamos ás ordens para fornecer-lhes esclarecimentos mais necessarios.

## CASA PRATT

Rua do Ouvidor n.º 125  
Rio de Janeiro

Rua Nova n.º 259  
Recife — Pernambuco.

V. Ex.<sup>a</sup> economizará tempo  
e dinheiro visitando a



# CAMISARIA ESPECIAL



Roupas brancas, artigos para  
viagem, cama e mesa,  
camisas, pijamas, ceroulas, gra-  
vatas, perfumarias e outros  
artigos para homens e rapazes.

---

O maior e o melhor sortimento

---

Rua Duque de Caxias-235

**PHONE, 526**

Semanário de artes, humorismos e mundanidades  
Director proprietário — Alfredo Porto Silveira  
Redacção e administração: rua 15 de Novembro 331, 1.º andar  
Phone, 45

CIRCULAÇÃO AOS SABBADOS  
Numero avulso 500 réis — Numero atrasado 800 réis  
Assignatura annual 25\$000. Assignatura semestral 15\$000  
Representante no Rio de Janeiro e São Paulo: dr. Luiz Mendes, avenida Rio Branco, 127, 2.º andar. Rio de Janeiro.

# A Silheria

Anno V — Num. 184

Recife, 4 de Abril de 1925



## A NOTA DOS SETE DIAS

Nessa eterna successão de momentos em que a Vida se vae escoando, lentamente, vão apparecendo, sempre, essas datas caras em que a gente volte um olhar de carinho aos tempos que se foram lembrando tantas outras datas que ficaram nas cinzas do passado.

A semana-santa é, toda ella, piedosamente dedicada ao velho sacrificio de Jesus Christo que se deixou suppliciar pela redempção da humanidade, numa epocha em que a humanidade, de não sentia ainda os pruridos perversos de hoje.

A semana-santa traz á nossa vida agitada do presente a saudade dos velhos dias passados, lembrança dos nossos avós que olhavam com temor as antigas historias dos tempos idos: que adoravam a figura macerada e candida de Jesus, a quem hoje se chama o velho philosopho e a quem outr'ora se suspeitava como o filho de Deus.

A semana-santa com as suas abstinencias, o seu piedoso ritual, a tristeza doentia dos dias das Endoenças e da Morte de Jesus, o ruido alegre e compensador das Alleluias, a felicidade remançosa do domín-

go de Paschoa, ainda nos toca a alma saturada dessa intensa e vertiginosa vida de hoje.

Acima de todas as maldosas prerogativas do século, dentro do borborinho estafante dessa vida que se chamou *vida moderna*, ainda paira, com toda serenidade, rugindo a alma do povo, a figura de Jesus Christo soffrendo no topo do Calvario o supplicio da Cruz; a dôr da Santa Maria, chorando o grande sacrificio do filho querido que morria pelo amor da propria humanidade que o apupava e suppliciava; e a hedionda monstruosidade do apostolo trahidor, vendendo, pela biblica conta de trinta dinheiros a vida do Mestre.

Essa historia é tão velha e tão sabida que niguem a quer ouvir mais. Apenas, aos dias modorrentos da semana-santa, quando a noss'alma se recolhe para pensar nas ceremonias que a Igreja realisa, a velha historia se faz nova e a gente se vê na necessidade de recordal-a, comparando-a ás que nos conta todos os dias, a vida civilisada que levamos.

A historia de Jesus e Judas é uma velha historia que se renova todos os dias, todas as horas, na vida...

DOR DE CABEÇA ?

**KAFY**

é a cura rapida de qualquer nevralgia, sem que affecte o coração.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias.

Agente e Depositario ANTONIO MONTENEGRO

Rua Larga do Rosario 256, 1.º andar

Caixa Postal. 302

RECIFE



# CRONICA

## "Canções que a

O sr. Peryllo de Oliveira presenteou a Parahyba com um interessante livro de versos. O seu título — "Canções que a vida me ensinou" impressiona pelo ritmo de sua sonoridade. Eu pelo menos o julgo assim: um título sonoro.

Há quem affirme a grande valia das epigraphes. Muita vez, porém, só o rotulo responde pelo valor que se quer emprestar ao todo do trabalho.

O livro do poeta Peryllo de Oliveira não é como aquelle *bicharas* orientaes falsificados, de bom rotulo e máu perfume.

Não. O feito material é bom e vem, sobretudo, revelar o progresso constante das artes graphicas na Parahyba do Norte, que é o lugar onde, em o norte do Brasil, se editam os livros mais bem acabados. A Parahyba allás tem razão para isso. Porque as possibilidades da Imprensa Official estão sempre em proveito das letras. E tanto é assim que a Parahyba possui uma revista considerada entre as primeiras do paiz.

O conteúdo do livro é igualmente bom. Pretende provar porque. E não me custará muito.

Peryllo é um artista. Lá está numa das primeiras paginas o distico de Oscar Wilde — "Art is a symbol, beauty is a symbol". Mas se poderá, dizer que a citação não concorrerá unicamente para o poeta ser artista. Comtudo, quem o não conhece de perto antevê esta sua abnegação pela mais pura Arte, a Arte de ser simples, de mostrar nuamente as emoções que o seu temperamento sentiu ante uma paisagem alegre e uma scena triste.

E por isso elle versifica:

"Eu amo a vida pela gloria de viver.

Amo-a, por tudo quanto vejo,

por tudo quanto sinto

—pela ephemera alegria

que nasce e morre num momento...

## Arte de ser feliz

Eu sempre serei feliz. Porque amo a Belleza em tudo.

Meus olhos descançam com refúgios exqu岸itos nas curvas e nas côres.

Por isso tenho, paradoxalmente, a apparencia de olhar com indifferença para o exterior: é que minha visão, apurada de toda a belleza, apañha-a em sua plenitude, transporta-a para o meu intimo, onde eu a acolho, onde eu a sinto, onde eu a amo, num exclusivismo de allucinação — uma allucinação que fosse suave, em melas tintas, formando fundo á emotividade violenta de minha alma.

Vejo a Belleza numa creatura, num animal, numa planta ou pedra. Ainda me lembro do espectáculo de uns barrancos em Dois Irmãos.

Sangrando ao sol nas escarpas borradas, de ocre como se tivessem tido o contacto de vastas e delirantes pineeladas futuristas!

## Cabellos

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE REIS

A "Loção Brillhante" é o melhor especifico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tinta. Não queima porque não contém saes nocivos. É uma formula scientifica do grande botânico Cround, cujo segredo foi comprado por 200 contos de reis.

É recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brillhante":

1º — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2º — Cessa a queda do cabello.

3º — Os cabellos brancos, descoloridos ou grisalhos voltam á cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4º — Detem o nascimento de novos cabellos.

5º — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.

6º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brillhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias, perfumarias e pharmacias de primeira ordem.

Alvin & Freitas, cessionarios da Caixa Postal n. 1379 — São Paulo.

Há no temperamento artistico do poeta uma nota predominante de tristura. Dizem que o modernismo não admite taes aspectos na poesia actual. É um erro e uma tollice. Erro porque a poesia, obedecendo a evolução do homem, nunca deixou de ser sentimento esthetico para encarnar a forma extravagante que pretendem os poetas de carros Fords e de "jazz-bands" de boteguins. Tollice porque a poesia moderna, se bem justamente tendendo a desvestirse de certos traços rigorosos, inuteis e prejudiciaes á liberdade de forma e de belleza, não se poderá mudar absolutamente numa poesia de incoherencia e imbecillidades rimadas, unico refugio dos fallhados na carreira das letras. Se a epoca é de jazz-band e de futilidade, como quer o meu amigo Antonio Ferro, o esplendido escriptor de "Leviana", nem por isso o homem deixará de rir ou chorar segundo o momento, a scena, o estado de animo, nem poderá occultar sob um fragil disfarce de requinte modernista a explosão sincera e humana de todas as suas torturas atravez da vida que, — se faz sorrir num dia, faz lagrimar no outro.

O estudo da evolução do espirito moderno é muito mais serio do que se pensa.

Eu não admitto as formas litterarias doentes do após-guerra, sem contudo deixar de apreciá-las no que têm de util. Já no outro seculo houve uma avalanche de ismos que fez meditar Silvio Romero e levou a ironia aos labios de Eça de Queiroz, para não falar de extranhos á lingua portugueza.

Não quero agora allongar-me no assumpto de renovação litteraria, mas notar somente o dever do poeta de versejar sempre sem ultrapassar os limites da liberdade, da sensatez e da fidelidade. Se Peryllo dissesse que a mulherzinha tal falava mel de abelha ou cuspiu "Faral" eu julgaria o poeta digno de observação no Hospicio de Alienados ou faria um syndicato para a explicação.

E depois, de volta, já crepusculo, mais doce e mais triste sobre os agudes onde os jumcos se acamavam e as folhas enormes das victorias regias eram como conchas de esmeralda á espera das pequeninas ondinas daquellas aguas, os barrancos, ainda sangrentos mas arroxeados, qual se tivessem suppurado toda a luz pelas feridas das pedras a que se agarravam sensualmente as plantas, estavam a encher-se de sombra, para, no outro dia o holocausto maravilhozo ao sol!

A Belleza existe sempre onde nós desvendamos a Felicidade. Por isso talvez nunca os homens encontram esta: não sabem reconhecê-la sob a tunica transparente da outra.

E desprezam a magestade cyclopedica das pedras, quando não n'a industrialisam, maltratam os vegetaes, matam os tigres e leões e... inventam a moral absurda das praias de banho...

HELOISA CHAGAS.

# LITERARIA

## vida me ensinou"



ração de mel, pois certamente elle descobrira um grande cortiço na Borborema. Felizmente que elle não escreve estas sandices.

Admitte o sr. Peryllo a tendencia moderna — a verdadeira tendencia moderna de sua Arte. Dou-lhe razão. Ninguem poderia hoje tolerar uma poesia com quatrocentos versos a moda de Gil Vicente.

Se me não engano escrevi linhas acima que Peryllo era triste.

Será a tristeza no poeta um peccado?

Poderei eu recriminar a sua tristeza, culpando a influencia do meio, julgando que se Peryllo vivesse no Rio, fôsse um bohemio alegre?

Não posso. Os temperamentos, em homens de vinte e nove annos de idade, são o resultado de contrastes infundidos apprehendidos pelas organisações individuais, distillados no psychismo inconsciente, escoados nos actos quotidianos nas suas varias modalidades. Peryllo nasceu numa aldeia de sertão.

### ERGUIDA SOBRE O DORSO AZUL DA BORBOREMA...

Ah cresceu, sentiu, sonhou todas as illuminuras doces de quem vê o escarpado cerro da Vida envolto na veste verde da Esperança.

Foi alegre e teve as primeiras alegrias.

...ALEGRIAS RUIDOSAS DE CRIANÇA

QUE, POR INSTINCTO CANTA E RI...

Abandonou-a, deixou-a no teso verde da collina, truda branca, tão branca e tão linda no pôr do sol de outro e nas néves caladas do calado sertão.

E andou, caminhou. Não viveu só na Parahyba. Teve a sua paixão pelo theatro. E oito annos pelas cidades maiores, onde o rumor ensurdece, elle viveu mergulhado na illusão do palco estremecendo ao fragor das palmas e enthusiasmo das platéas.

Então aprendeu por motivos intimos a ser triste. E quando recorda a sua aldeia, faz versos assim:



### DA SRA. AURA ABRANCHES:

Tenha por lema: a Verdade  
Admire-a bem no seu brilho...  
Direi melhor a meu filho  
Quando tiver mais idade...

### DE LANDULPHO MEDEIROS:

Se um filho eu tivesse, pequenino,  
Dir-lhe-ia: Sê poeta... Irás sonhar!  
Para esperar o bom ou máo destino,  
Só um outro destino — o de cantar.

### DE AUSTRO COSTA:

Com que prazer eu me vejo,  
Aqui, junto ao Mario Tullio  
Um pintor e um poeta... E beijo  
a boquinha do Zé Julio.

"Hoje, na tela de ciro da memoria meu pensamento descortina a minha aldeia branca e pequenina, num fundo de paysagem merencoria...

A villa em que eu nasci é uma illuminura que fulgura dentro em minha alma, no Livro de Horas da Saudade..."

A sua rima é expontanea, a linguagem simples e adeccado, o pensamento elegante. Um soneto seu provará estes meus dizeres:

### "ROSAS

Pobres rosas! no hastil já estão pendidas.  
Queimou-as sem piedade o sol ardente...  
Entre gotas do orvalho são nascidas  
E morrem como as illusões da gente...

Enquanto ellas se esfolham resequidas,  
o perfume se evola docemente...  
Perfume! alma das flôres fenecidas,  
alma que como a nossa tambem sente.

E as pétalas, já mortas, vão levadas  
pelos ventos, ao longo das estradas,  
sob a angustia violacea do Sol-poente.

Rosas que floresceis todos os dias,  
sois ephemeras como as alegrias  
que vêm florir no coração da gente!

O livro de Peryllo de Oliveira não é uma simples affirmação de uma promessa. E' um triumpho. E felizes os que sabem, sem cabotinismos, triumphar, mesmo que esse triumpho seja argamasado com a amargura das grandes dôres humanas.

A. F.



## NUM ALBUM DE CRIANÇA



SENHORITA MARIA JOSE DE ALMEIDA

## Jornal da Lavoura

Telephone 663. End. Teleg. CANNA. Redacção e administração, rua 15 de Novembro n. 452 1º andar. Uma vez por semana. Trata de interesses da lavoura, da industria e criação.

Assignatura, 15\$000 por anno.



### A NOSSA CAPA

Illustramos, hoje, a nossa capa com o retrato da galante Regina, graciosa filhinha do estimavel sr. Alexandre Amaral, alto funcionario do Banco do Recife.

### ANNIVERSARIOS

Mlle. Aurora Ramos, elemento de realce na nossa alta sociedade e filha dilecta do saudoso sr. José Pereira Ramos, terá na proxima quarta-feira o decurso da sua data natalicia.

Mlle. Aurora Ramos, por motivo de luto recente, deixará de receber as suas innumeradas amiguinhas.

MLLE. MARIA DO CARMO CAVALCANTI — Passou, hontem, o natalicio da premdada senhorinha Maria do Carmo Cavalcanti, sobrinha do cel. Honorio Moraes, adiantado agricultor em São Lourenço da Matta.

Transcorreu na ultima terça-feira, a data natalicia do interessante Djalma extremecido filho do distincto casal Antonio Barretto de Freitas—Leonor Cordeiro de Freitas.

Pelo feliz evento o galante petiz recebeu innumerados mimos de seus amiguinhos que o foram felicitar.

Dulce interessante filhinha do sr. coronel José Pessoa de Queiroz, chefe da firma J. Pessoa Queiroz & C., teve na quarta-feira o decurso da sua data natalicia.

Dr. Eustachio de Carvalho, conhecido clinico nesta capital, teve na ultima quarta-feira a passagem do seu natalicio sendo muito felicitado.

A sra. d. Maria de Jesus Mafa e Silva, esposa do doutor Mafa e Silva, official de gabinete do sr. prefeito da capital, fez annos na quarta-feira recebendo por este motivo muitas homenagens.

Fez annos na terça-feira a graciosa senhorinha Helena Affonso de Mello, dilecta filha do capitão Carlos Affonso e sua exma. esposa d. Ernestina Mello.



BALTHAZAR DA CAMARA

A bordo do paquete "Itassucé" seguirá, hoje, para Belem do Pará, o nosso talentoso conterraneo, o pintor Balthazar da Camara.

Balthazar vae ao extremo norte em excursão artistica devendo visitar tambem a Bolivia.

Desejamos-lhe boa viagem.



Transcorreu na terça-feira a data natalicia da gentil senhorinha Elza Rodrigues Soares, filha do sr. Arthur Rodrigues Soares, guarda-livros nesta praça.

### NASCIMENTOS

Amelia é o nome da filhinha do sr. Arthur Lucena, auxiliar d' "A Provincia" e de sua exma. esposa d. Amelia Lucena, nascida segunda feira á estrada de Caxangá 1264.

Está em festas o lar do sr. Arlindo Walfredo de Figueiredo e de sua esposa d. Prudenciana da Silva Figueiredo pelo nascimento de sua in-

teressante filhinha Maria das Dores, occorrido na terça-feira desta semana.



### CASAMENTOS

Realizou-se no ultimo sabbado o enlace matrimonial do distincto moço Raimundo de Amaral Carvalho com a premdada senhorinha Iracema da Silva Basto, filha do saudoso sr. Antonio da Silva Basto, do nosso commercio, e de sua digna esposa d. Rosina da Silva Basto.

A cerimonia civil teve lugar no cartorio da rua das Cruzes e a religiosa ás 19 horas, em oratorio privado, na residencia da nubente, em Areias.

Após o acto os néos-conjuges vieram para a sua nova residencia, á rua da Santa Cruz, onde foi servida lauta meza de doces e licores.

Os noivos que são pessoas de relevo em nossa sociedade, foram grandemente felicitados.



### VIAJANTES

Para a Capital do Paiz onde reside e onde gosa do mais merecido prestigio nos meios intellectuaes e sociaes, regressará amanhã pelo Ita o nosso talentoso conterraneo poeta Olegario Mariano, o mavioso cizelador d' "As Ultimas Cigarras".

Olegario Mariano, que durante a sua estadia em Recife foi alvo das mais justas homenagens, deu-nos hontem o prazer a sua visita de despedida.



A bordo do transatlantico inglez Avon seguiu para o Rio de Janeiro na quarta-feira o nosso illustre confrade d' O Paiz, dr. Luis Mendes, representante na metropole do Jornal do Recife e desta revista e alto funcionario do Thesouro Nacional.

O embarque do dr. Luis Mendes teve grande concorrência.

Desejamos-lhe optima viagem.



## PHOTOGRAPHIA ELITE

A mais acreditada e a que melhor atelier dispõe nesta Capital.

Retratos expressivos, artisticos e inalteraveis. Ampliações finissimas de todos os tamanhos.

Arte, Pontualidade e Comodidade.

RUA DA IMPERATRIZ N.º 88 — Phone N.º 563. Recife.

## ETERNIDADE

(Inedito)

Nosso amor teve a vida de um minuto,  
Duroa menos que a noite em que nasceu;  
Não chegou a ser flôr, e não foi fructo,  
Na mesma noite em que surgiu, morreu...

Hoje, de novo, o teu amor disputo,  
Agrilhado como Prometheu  
Ao monte esteril, escalavrado e bruto  
De uma saudade que não feneceu...

Meu desejo maior é que persistas,  
Repelindo este affecto sem remedio,  
Desviando de mim as tuas vistas...

Só assim, nosso amor será eterno,  
Resistindo aos embates de meu tedio:  
Vida eterna do ceo dentro do inferno...

## ALLUCINAÇÃO

Fecho os olhos e vejo; mas não quero  
Entender o motivo porque vejo;  
Soffro, padeço, e choro, e desespero  
Pela angustia infinita de teu beijo...

E' preciso, porém, que audaz, austero,  
Externine essa vida de um desejo  
Antegosando n'um furor sincero  
Do teu olhar o ultimo lampejo...

Mas é duro esquecer, quando é profundo  
O sentimento a germinar, occulto,  
Dentro do coração que vale um mundo...

Que importa os olhos tranque, allucinado?  
—Não deixo nunca de enxergar teu vulto;  
Flôr de volupia para o meu peccado,

(Do Canções do Tédio)

## ALMANDO GOULART WUCYERER

A bordo do Avon seguiu para o Rio de Janeiro, em viagem de recreio o sr. coronel Alfredo Rosa Borges membro de destaque do alt-commercio desta praça e figura de relevo em nosso alto meio social.

O sr. Ernesto Nascimento, commerciante na capital do país, regressou ao Rio, pelo Avon, na ultima quarta-feira.

Pelo Avon seguiu para o Rio de Janeiro, acompanhado de sua distinta consorte, o sr. Nuno Guedes Pereira, socio da "Serraria Moderna."

**DR. MARIO RAMOS** — Segue quarta-feira proxima, no Orania, para o Rio de Janeiro e dahi para o velho mundo, o joven scientista dr. Mario Ramos, chefe do gabinete de bacteriologia do Estado, e professor das Escolas de Medicina e Odontologia do Estado.

**DR. ADOLPHO PEREIRA SI-MÕES** — De Quipapá, onde se achava a longo tempo, voltou quarta-feira ultima, o dr. Adolpho Pereira Simões, juiz municipal de Quipapá.

**MIGUEL MELAZZI** — Pelo Avon retornou, quarta-feira desta semana, de sua viagem ao velho mundo, o sr. Miguel Melazzi, socio da firma Melazzi & Irmãos, desta praça.

### DIVERSAS

Vem de ser nomeado para o cargo de director da Bibliotheca Publ-

ca do Estado o dr. Humberto Carneiro.

### AURA ABRANCHES

Da consagrada artista sra. Aura Abranches que se exhibiu no Theatro do Parque, até segunda-feira, com o mais ruidoso successo, recebemos attencioso cartão de despedidas pelo que nos confessámos sinceramente peñhorados.

Assumio na ultima terça-feira, interinamente, perante toda a officialidade da nossa guarnição, o cargo de inspector da 7.ª região militar, aqui localizada, o sr. tenente coronel Absalão Henriques Mendes Ribeiro, commandante do 22.º batalhão de caçadores, aquartellado na Parahyba.

Instalada actualmente em confortavel predio na rua do Sol, desta cidade, vem de adquirir modernos padrões de fazendas para camisas e pyjamas a Camisaria Nacional.

Realizou-se sabbado ultimo a inauguração da "Garage São Miguel", de propriedade dos srs. Rubens & Irmãos, sita a Avenida Lima Castro n.º 1024.

Ao acto comparederam numerosas pessoas e representantes da imprensa.

O revmo. Fernando Muller lançou a benção sobre os diversos apartamentos do edificio, que se encontram bastante ornamentados.

Foi em seguida servido terra, mela de doces, sandwiches e bebidas.

Ao champagne, o sr. Octavio Cavalcanti, em nome dos proprietarios da "Garage São Miguel", saudou os presentes, em especial a imprensa.

Respondeu o nosso confrade dr. Joaquim Inojosa, do *Jornal do Commercio*, desejando votos de franca prosperidade ao novo estabelecimento, que representa uma obra de progresso para esta capital.

A União Defensora dos Revendedores de Pães em Recife, comemora amanhã o primeiro anniversario de sua fundação, obedecendo a solennidade ao seguinte programma: 18 horas: abertura da sessão, presidida pelo sr. José Roberto d'Oliveira.

Hymno do trabalho executado pela Banda Operaria 1.ª de Maio.

Conferencia pelo prof. dr. Christiano Cordeiro.

Posse da nova directoria a dirigir os destinos da União.

Discursos de oradores de associações congeneres.

Recebemos convite para a solennidade, gentileza que registamo gratos.

### MISSAS

Foram celebradas no ultimo sabbado na matriz de Santo Antonio, ás 8 horas, perante crescido numero de parentes e amigos missas de 7.ª dia em suffragio d'alma do saudoso sr. José Pereira Ramos guardadivros que foi da "Serraria Moderna" e cavalheiro geralmente estimado em o nosso alto meio social.

A Economia é a fonte da prosperidade. Não se comprehende uma boa economia sem que façam as suas compras na loja A EXPOSIÇÃO que é a loja que tem melhor sortimento e vende mais barato do que as outras.

Rua Barão da Victoria, Phone n. 341.

# TELEPHONEMAS

JORNAL DO RECIFE

Casa cheia. A mesa do Telemaco de Mello enchera-se de ponta a ponta. Houve outro magnifico banquete, e á champagne o delirio reinou triumphante na elegante sala.

Dr. Renato Gouveia, o distincto e joven homem d' "A Noticia", falou e falou tres vezes. A pedido, seu ultimo discurso fôra um hymno de paz ao ex-futuro Henrique, que se quiz levantar da mesa, talvez a temer alguma inconveniencia, mas a que a instancias do Adolpho ficou, emquanto o notavel orador, tendo notado a coisa, atacou em plena oração:

— Deixem o homem que eu dou uma tacada nelle no discurso...

## EPITAPHIO



O. M.

Muito embora se derrube  
A tradição do hemispherio...  
— Quer fazer do "Jockey Club"  
Propaganda em cemiterio?

Ainda a interessante festa do Telemaco, em honra ao grupo. Além do banquete, acima falado, das danças e surpresas, houve recitativos e nesta parte o dr. Goulart teve o mesmo triumpho de sempre. Outros recitaram. Ao menos, e sem querer dar ao egoísmo uma expansão inconveniente, consolava-me o ter escapado incolume áquella macedonadora saraivada de recitativos.

— O dr. Renato, vae recitar, annunciava o dr. Elpidio Branco.

— Você sabe que eu não posso!

— Não, senhor...

— Um motivo superior... um motivo superior!...

— ?!

— Depuzeram meu pae...

Um irreprimivel accesso de hilaridade explodiu, entre o grupo, como jamais hei de ver igual. A gargalhada contagiosa franca, domlnou a todos.

## EPITAPHIO



Capitão A. C.

(De guarda-chuva e charuto)  
Deixa a familia em chillique!  
Pediu que botasse luto  
O portuguez, amigo Henrique...

Completamente restabelecidos das contusões e ferimentos recebidos por occasião do lamentavel accidente occorrido o mez passado na estrada de Victoria a Caçoca, num auto-lata pompiliano, voltaram a occupar os seus cargos, dando baixa do hospital, dr. Armando Goulart e José Glasner.

Os illustres senhores têm recebido innumeradas visitas de cumprimentos e felicitações.

— Duas horas da manhã?

— Vim da festa de Telemaco...

— Diga-me logo, quem faz annos, lá, sabbado?

Entrou na sexta-feira no seu XI anno de vida a edição vespertina do popularissimo *Jornal do Recife* de propriedade do sr. coronel Luiz Pereira de Faria e que tem como seu redactor-chefe o illustre sr. dr. Aprigio de Faria, actualmente na capital do paiz.

Orgam moderno aparelhado para bem servir aos interesses dos seus innumerados leitores o *Jornal do Recife* tem por isto mesmo uma vasta circulação que lhe garante um logar de honroso destaque na imprensa nordestina sendo um dos vespertinos de Recife mais procurado.

Commemorando o grato acontecimento o *Jornal do Recife* deu uma bella edição feita de escolhida collaboração e abundantemente illustrada de clichés.

A *Pilheria* leva ao *Jornal* as suas felicitações muito calorosas por mais esta etapa vencida.



O cidadão é revoltoso e usa lunetas escuras.

— Uma fraqueza! dizia o subdelegado.

Fiquemos todos em paz!

Vem surgindo ao longe o jazz!

## A VIDA AMOROSA DA CIDADE

II

Não sei aquella carta de onde veio...  
Chego da rua e com ella deparo...  
Vem, talvez do aconchego do seu seio,  
um perfume subtil, extranho e raro...

Olho a letra lançada no endereço  
E' fina, é alongada e é macia...  
Penso em alguém de espirito travesso  
alguém que é como a letra, fina e esguia...

Mas pode ser que não me venha della...  
Fico a pensar, imaginando tudo...  
E' della, da menina tagarella,  
de cabellos de ouro e olhos de velludo...

Manda-me—que sei eu? — o inferno e o céu  
em dez palavras commovidas...

Vou fazer dellas um trophéu.  
para a gloria das nossas vidas...

E manda-me, tambem, pequena e de ouro,  
uma chave, n'um laço azul de fita...  
Quem sabe que occultismo thesoiro,  
essa chave abrirá, prompta e expedita?

E' tão difficil a decifração...  
Não é aquella chave, certamente,  
a do enygma do que as mulheres são,  
—esphynxes sem segredos para a gente...

E fico a imaginar, quando me lembro,  
que aquella dia é do de mentiras mil...  
A mulher, de Janeiro até Dezembro,  
não passa para nós, de um 1º de Abril,

WALDE DE OLIVA.

## ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES DA "CASA RIBA"

I LOVE YOU — Fox-trot    COCK-TAIL — Fox-trot  
MARION — Fox-trot        GURY — Fox-trot  
ORIENTAL — Fox-trot

Infeliz daquelle homem que, na vida, gaigou, mercê de seu valor, uma posição de destaque. Elle terá a amargura-lhe a vida, a quebrar-lhe a serenidade do equilibrio, tudo quanto a sua notoriedade possa arrastar de ruidoso para a sua personalidade.

Isto não só no terreno das artes, das industrias, do commercio. Tambem no vasto e accidentado terreno da politica. Ahi está, como um exemplo vivo, eloquente, o sr. Costa Rego, governador da terra f.m.o.a das Alagoas.

O sr. Costa Rego veio de baixo. Começou a sua vida publica numa dessas grandes tendas de trabalho e de lucta que são os jornaes. Percorreu toda a gamma de sua carreira jornalista ascendendo sempre.

Do jornal á politica vai um passo, apenas. E este passo o sr. Costa Rego venceu o galhardamente. Serviu de lança para a conquista o seu arrojado e a sua sobranceira. De cima o seu caracter e a sua intransigencia.

Foi assim que o sr. Costa Rego, alagoano egresso de seu terrão natal, voltou um dia, triumphante, para tomar-lhe as redes do governo, elevado ao alto posto por effeito de um valor que a sua intelligencia e a sua tenacidade souberam conquistar, não á força dos agrachamentos e das subservencias tão proprias ao século, tão dentro do modernismo malsão que está avassalando todas as modalidades da vida, mas á custa de muita independencia e de muita actividade.

O sr. Costa Rego, não ha multos dias, teve uma grande surpresa. Toda a imprensa da terra clarinou a noticia de uma viagem ao Rio de Janeiro.

Emquanto uns notificavam o facto com sympathia, outros, desta impenitente imprensa quasi clandestina, cuja principal missão é desvirtuar, sempre, por todos os modos, a verdadeira essencia das cousas, attribuiu-lhe intulhos menos confessaveis.

Esse, aliás, é um dos fructos da notoriedade de que se cercou o governo do sr. Costa Rego que o tem feito precisa; afastou elementos mais ou menos excusos, affeitos á lucta mesquinha de romper fogo contra as instituições mais respeitaveis, na esperanca ou no desejo de melhor servir aos seus proprios interesses, interesses tantas vezes inconcessaveis.

O sr. Costa Rego tem sido, até hoje, um governo de realidades. Varreu, com um desassombro insuadito, velhas sujeiras que estavam a infeccionar o organismo da cidade, tolhendo-lhe a marcha o progresso, agiu com energia quando a energia se fez precisa; afastou elementos perigosos á propria estabilidade de

## Jornalista — Chefe de Estado



seu governo e recebeu de braços abertos, em fraternal acolhida, aquelles que julgou capazes de cooperar na obra de realizações que pretendia realisar.

Por isso, talvez, Alagoas, entrou, de agora, no caminho do progresso porque toda a cidade ansiava.

O sr. Costa Rego ha de sentir, pelo effeito de sua attitude, o velho e sagrado gesto de Jesus quando precisou empunhar o azorrague para expulsar os mercadores do templo, ha de sentir o latido do descontentamento, essa eterna bulha dos insatisfeitos, dos que se viram privados das tâtas que sugavam.

Ainda assim, porém, elle terá a resguarda-o das invectivas furiosas e dos ataques violentos dos vendedores do templo, as benções do povo que, mais dia menos dia, sentirá o quanto de beneficio elle trouxe para o Estado, com toda a sua apregoadada violencia, com toda a sua vigorosa energia de homem que sente e sabe bem o peso da responsabilidade de que lhe saudiram nos hombros os que lhe divulgaram qualidades capazes de empenhar as redes do governo de um Estado como o das Alagoas que pedia, sobretudo, trabalho, paz e progresso.

Esse é um dos graves pesadellos dos homens publicos, dos homens no-

taveis. A sua vida, se tem incensadores gratuitos, tem tambem insatisfeitos que se atiram, de roldão, contra os seus actos e as suas victorias, como aquelle velho heróe de Cervantes attingia com a sua prosapia de cavalheiro mediêvo, a rigidez dos moinhos que se deixavam estar, indifferentes, rodando ao léo do vento, dando conta da sua faina laboriosa e continua.

Ao lado desses ha, porém, os que sabem fazer justiça, os que olham a vida pelo prisma sensato do melo-termo, sem atacar ou incensar.

Estes são os capazes de commentar a boa orientação de um governo e estes falarão a seu tempo, corajosamente, com justiça, a grandeza de uma obra como essa que se vem erigindo na velha e notavel cidade das Alagoas.

Seria muito de desejar que, ao sr. Costa Rego, a quem nos ligam simples laços de admiração, pelo seu valor de jornalista e de homem de Estado, jamais apedrejasse a furia incuravel dos que se vêem na dolorosa contingencia de esbravejar por todos os meios, por todos os modos, inutilmente, com aquelle cão que hatia seu raucor á caravana que passava, indifferente e calma, rumo a algures, onde o pobre rafeiro jamais poderia chegar.

V. EXCIA. TEM ESPINHAS?  
QUER TORNAR A SUA CUTIS FINA E DELICADA?

USE O

### CREME REGIA

Agente e Depositario ANTONIO MONTENEGRO

Rua Larga do Rosario 256, 1.º andar

Caixa Postal 302

Recife

# Quando os sinos cantam para quem choram

Viram-se pela primeira vez em uma festa. Uma atracção mysteriosa os impelliu um para o outro, mas a natureza desse sentimento intimo era diversa: nella, toda sentimental e sonhadora, desabrochou um affecto puro e nobre; nelle, uma curiosidade material e ligeira.

Uniram-se e o amor, abençoado pela natureza, deu-lhes um filhinho lindo e risonho.

Gilda resumia a sua felicidade naquelles dois amores tão grandes, que obscureciam todos os outros, mas Mauricio, com a sua indole frívola e volúvel, já procurava em novos braços passatempo para o seu coração. Tornava-se monotonos e triste aquelle lar onde nada lhe faltava, apesar da escassez dos recursos; a criança era Huda, sem duvida, mas chorava, dava trabalho. Aquella paz, aquelle ambiente de amor enfasiavam-no.

Uma noite, Mauricio não voltou. Gilda esperou dois dias presa da maior appição; por fim, uma vizinha contou-lhe tudo.

—Aquillo era um ingrato! Ha mazes que corteja a filha do Brown — uma delambida que anda de mão em mão. Agora tinham partido para o Oeste — iam a fazer fortuna...

O desespero de Gilda foi immenso, mas a sua resignação fez-a calar. Trabalhou duplamente e, como era digna e boa, conseguiu firmar-se no emprego e custear, melhor do que antes, as despesas da casa.

Os dias corriam celeres e ella, sempre fiel ao seu amor, ia criando o filhinho que agora contava sete annos. Os rapazes da redondeza corvejavam em volta daquelle mulher sem protecção e alguns chegaram a offerecer-lhe o nome. Gilda recusava as boas offeras assim como as malevolas, dizendo: "Mas si não tenho o coração livre?"

Despeitados, uns riam-se dizendo-lhe palavras duras, outros, porém, admiravam-na ainda mais pela sua constancia.

Assim corriam os dias...

Na noite de Natal todas as casas, pobres ou abastadas, da pequena cidade de X, estavam illuminadas; ninguém deixa de festejar o nascimento de Jesus nesse recanto christão. A casinha de Gilda, uma das mais miseraveis do bairro mas sem duvida a mais limpa e arrumada, tambem tinha luz como as outras, porém ali não havia arvore nem brinquedos nem vela — não podi-

haver resistencia para a alegria naquella cadeia onde um elo faltava.

O frio intenso, gelando as gottas de agua transforma-as em fructos alvos nos galhos sem folhas. Nas estradas, a neve estendia-se como um manto de rei e o luar, prateando o que era branco, jogava em sombras escuras o contorno das arvores sobre o chão luminoso.

Gilda chegou afflicta á janella. E' que o pequeno John sahira para comprar pão e chá e ainda estava na rua. Por fim, elle appareceu correndo na curva do caminho e a mãe pôde socegar. John vinha cantado mas radiante! "Olha, mãezinha, trouxe-te um bóto e umas flores para o paezinho que está longe".

Dizendo isto mostrou um bóto todo enfeitado e umas lindas rosas.

—Mas onde foste buscar dinheiro para tudo isto, meu amor?

—Foi um senhor muito bom que diz ser nosso amigo quem me deu as flores que já trazia, e comprou o bóto.

—Um senhor?! Mas si nós não temos amigos, nunca recebemos ninguém nesta casa, filho.

—Não sei, mamãe, foi elle que disse: "Depois me beijou tanto! Mas parece que soffre, mãe, elle chorava e me falou que perdera um filho como eu."

—Agora comprehendo! Com certeza foi em memoria do filho que nos fez essa caridade. Abençoado seja!... mas não devias ter demorado tanto, já estava assustada!

O pequeno, estregando as mãos de contente, foi buscar os pratos e pôlos á mesa sobre a toalha de algodãozinho alvissima. "As flores são para o paezinho, não é mamãe?"

A pobre rapariga beijou o filho e, abraçada a elle, foi collocar as rosas no vaso que estava sobre a mesa pequena. Em cima, pendurada na parede, via-se um retrato, já um tanto apagado pelo tempo e pelos beijos que aquelles dois antes esquecidos lhe davam. Era uma photographia do homem volúvel e insensível que os abandonára.

—Vês, meu filho, parece que o paezinho nos sorri. Coitado! Quem sabe o que soffre?!

—Mas mãezinha, onde está elle para soffrer?

—Muito longe, filhinho, muito longe... respondeu Gilda com tristeza.

E os dois unidos no mesmo abraço, e no mesmo pensamento, in-

voavam uma imagem. Na memoria, da mãe, ella se reflectia clara como fóra, mas na do pequeno John, era apenas uma copia do retrato que ali estava mas cercada por todas as virtudes que Gilda lhe ensinára a emprestar-lhe.

A porta abriu-se de mansinho e um homem já com as fronteas cobertas por cabellos grisalhos, esgueirou-se de leve, caminhou por traz do grupo formado por Gilda e John envolvendo-os num grande abraço.

Ambos viraram-se assustados. —Maurício! marmurou Gilda commovida.

—O senhor que perden um filho como eu! exclamou John.

—Perdi-o, mas acabo de encontrá-lo para sempre, respondeu Mauricio beijando os seus dois antes queridos, os unicos que o amavam religiosamente mesmo esquecidos e abandonados.

Para os sinos tocavam festivos pelo Natal de Jesus...

JOHN OFORD.

## Academia de Commercio de Pernambuco

Fundada em 1911

Director — Dr. Methodio Maranhão, professor da Faculdade de Direito do Recife, industrial e commerciante.

Única instituição em Pernambuco, de ensino superior de commercio, que confere diplomas reconhecidos por lei federal como de character official (Dec. legislativo n. 4.724 A, de 23 — 8 — 1923) funcionando no palacete da Associação dos Empregados no Commercio, por quem foi fundada e é mantida.

AULAS NOCTURNAS PARA AMBOS OS SEXOS  
CURSO PREPARATORIO (1) GERAL (4)

SUPERIOR (2 annos)  
Instrução theorico-pratica habilitando para as carreiras commerciaes, industriaes e administração publica.

Excellentes corpos docentes, Ensino efficiente, Frequencia obrigatoria, Programmas amplos, e rigorosamente executados, Laboratorio de Physica e de Chimica.

RUA DA IMPERATRIZ 67 Sobrado  
Telepho 495

QUEM NÃO TEME A PYORE'A ?  
QUEM NÃO TEM GENGIVITES ?  
APHTAS E QUALQUER OUTRA APPECCÃO DA  
BOCCA CURAM-SE COM O  
**PYOTIL** LIQUIDO OU EM PASTA.  
DE SABOR AGRADAVEL.  
Agente e Depositario ANTONIO MONTENEGRO  
Rua Larga do Rosario 256, 1.º andar — RECIFE

# A Porta do Leça



## NOVELLISTA...

Albino Fernandes, o joven e já notavel poeta que se estreou nas revistas da terra com uns versos futuristas, passejava pela rua Nova, aos primeiros dias deste inverno humido e modorrento, a sua elegancia de moço-chic.

A' saída de uma das casas de moda, o incipiente plúmifivo encontrou alguém que, ignorante do fim que tivera a arte do moço elegante e futurista, indagou:

— Então, qual é dos teus versos futuristas, cheias de cocaína, pontes, automoveis, carretas, postes, dentes de porco, rabos de cutia e papagaios de papel?

O Albininho sorriu, fez um gesto de asserrar o monoculo e falou:

— Qual! Eu não sou futurista, nem passadista...

— Então, qual o destino de tua arte?

Elle sorriu, quasi superior, afundou o csapeu na cabeça e explicou:

— Não quero saber de coisas futuras, nem de cousas passadas; quero saber só das cousas novas.

E arrematou:

— Hoje eu sou, apenas, novelista...

## DO AMADEU...

Segunda-feira, terça-feira e quarta-feira... sem uma unica historia do Amadeu.

Havia um justificado alarme cá por casa.

Quinta-feira, porém, á hora da palestra, a chuva a cahir-lá fóra com uma insistencia irritante, n'guem começou a falar das cousas. Houve quem falasse nos haréns da Turquia.

Foi o bastante. O Amadeu tomou póse, ameaçou o espaço com um escandaloso gesto de abrir os braços e falou:



## Reportagens & Indiscreções

— Ah! Quanto eu daria para ser sultão!

Léo Veiga, por perfidia, advertiu-o:

— Bastaria que fosses, apenas, um dos guardas dos harens do Sultão.

O Amadeu teria concordado se a Fasanaro não o puzesse ao corrente da inconveniencia de tão digno posto. Inteirado, porém, da verdade, protestou:

— Ah! isso não que eu tenho muito amor aos meus órgãos geniaes!

E' um genio o Amadeu...

## TAMANCOS...

Rua do Livramento. A Casa Excelsior cheia. Pelos balcões, caixas de sapatos de todos os feitios. Os moços de balcão atarefados. Vito Oliveira, elegante e querido corrector, filho da lusa terra, o berço glorioso do inventor dos tamancos, olha uma das vitrines.

O Arnaldo, na sua habitual gentileza para todos, indaga:

— Que deseja?

O Vito, ajustando-se melhor na sua roupa branca, perguntou:

— O sr. tem tamancos?

O Arnaldo fez um gesto de surpresa e informou-o:

— Tamancos?! Não, senhor!

O Vito secundou-o no gesto de espanto e inquiria:

— Então esses calçados lamé que os senhores annunciam não são tamancos?

A' resposta negativa do Arnaldo elle desculpou-se:

— Pois eu pensei que fosse. Calçado lamé para a lama, só podia ser tamanco!

## 1.º DE ABRIL

Jayme Griz, o vigoroso moço que exerce elevadas funcções numa das nossas repartições publicas do Estado, recebeu varias cartas de 1.º de Abril.

A' tarde, já cansado, o Jayme encontrou um amigo que lhe pediu o obsequio de procurar nas livrarias um livro de Alvaro Moreyra: *Agua Furtada*...

O Jayme, prestimoso como é, metteu-se na gabardine e rumou, affrontando a intemperie, para a primeira livraria.

Lá, não encontrou o livro, apesar do trabalho que deu na procura. Foi a outra livraria, a uma terceira, a mais outra e... nada.

De volta, desanimado, enchareado, deu conta do recado:

— Procurei tudo e não encontrei o livro.

O amigo, calmo, advertiu-o:

— Nem podia encontrar.

— Porque?

— Porque não existe...

Só então comprehendeu o moço athleta no logro do maldito 1.º de Abril.

Dz. A. de S.

Os elegantes só usam CAMISAS feitas na

Camisaria Suissa

CASA SUISSA — Rua Nova 256

# De

Este meu monoculo...  
Há dias em que meu monoculo é a coisa mais irritante deste mundo. Principalmente para certos olhos que não usam nem podem usar monoculo...

Mas, se o meu os irrita e incomoda, a ponto de eu andar por ali apontado a tanto dedo de imbecil e "almofadinha" por que é que tantos imbecis e "almofadinhas" da cidade desde o Carnaval estão usando monoculo?

E por que, só depois de meu monoculo, a myopia litteraria resolveu atacar somente um olho de tanta gente illustre?

Meu amigo sr. Antonio Freire, que é um talento desordenado e dispersivo, comquanto original, metteu-se aqui num "Ita" e lá se foi ao Rio para escrever ou editar o seu "O monoculo de um doido". N<sup>o</sup> "A Provincia" de domingo li qualquer coisa sobre "o monoculo de um erudito phantasma" qualquer coisa que fez sorrir ao meu illuminado e erudito amigo sr. Gilberto Freyre que, para melhor sorrir, entalou no olho direito o seu tambem já muito antipathisado monoculo...

Comtudo este meu monoculo... Domingo, por exemplo, o meu monoculo amañheceu impertinente, de uma impertinencia garôta e rissonha.

Futil displicente, ironico monoculo!

Perfeitamente desadoravel. Arlequinal...

Cêdo notei que o meu monoculo estava a colorir-se. Côr de rosa, verde, amarello, vermelho, azul...

Quando eu passel pela manhã, manhãzinha ainda, na rua Visconde

de Goyanna para vêr "alguem", elle era côr-de-rosa como o monoculo de Antonio Nobre. Um monoculo feliz, côr-de-sonho, deliciosamente lyrico e "snob". Não vi, porém, quem tanto queria ver, e o meu monoculo ficou triste, afumou-se, tornou-se quasi preto.

Mais tarde, quando eu me fui ao meu costumeiro passeio "Torre-Magdalená", ao passar, na Capunga, á porta de "Petinha—a Feiticeira"—e ao entrar á rua das Graças, sem ter visto ao portão a doce figurinha de ballada que é a loira irmã do joven clinico, nem o talhe estulto, junquilhico, delicado, dessa creatura toda boa e toda pura que é "Mme. Brunecos", tudo era azul, de um azul diaphano, claro, transparente, côr-do-Céu... Um azul como eu imagino: azul-cinza, azul-paina, azul-pellucia, azul dos olhos de um meu "Alguem".

Azul-saphira sobre as neves do Everest, azul-poesia ardente escripta sobre o gêlo de certos lagos da Suissa...

Depois, na volta, o meu monoculo era verde, de um verde exultante, inexpressivo, côr-de-parrufa... Verde como o fallecido, mallogrado monoculo de meu amigo Joaquim Inofosa. Aquelle monoculo que o belletrista usou apenas uma vez e que uma "pequena" amavelmente quebrou, dansando, em certa festa na casa do dr. Brenand...

A noite, no "Moderno", o meu monoculo tinha todas as côres... Era uma ironia polychroma. Principalmente quando alguém me veiu contar certa historia feminina, uma historia de certa "melindrosa" nullo "moderna", marca "F. F. F.", "prova de fogo"... Certa historia que me fez pensar, e declamar.

# Monoculo..

mentamente, a llada perfidia lyríca desta quadrinha de Augusto GU:

María da Graça é uma  
cachôpa de olhos em brasa:  
vive sosinha, não fuma  
e tem cinzeiros em casa...

Quando eu sem querer puz meus olhos nos olhos de doída de Didi, tudo estava vermelho, rubro como um grito, côr do vestido longo, fino, bizarro da longa, fina, bizarra Didi — carêta de Carmim... Então meu monoculo era, côr-de-brasa, côr-de-sangue, rubro como os lábios de Didi. Tive, por isso, uma crise "rouge"...

Deixei o cinema e fui applacar o delírio de côres de meu monoculo na "Bijou". Tomei um creme qualquer e serenei. Puz-me a sorrir de tudo e por tudo. Perfeitamente alegre, arlequinal...

Mas, dentro em breve que vejo?

Chegam milles, Brandão e o salão ficou agora, para os meus olhos, côr-de-rosa. oDu uma tapa no monoculo, mas verifico que, mesmo sem monoculo, o salão está mesmo côr-de-rosa...

No grupo, todavia, está a "pôse" de alfenim e o sorriso, assucar-candy do sr. Déda. Vem lá de dentro o garçon e abre o ventilador sobre o sr. Déda. Sorrio. E o meu monoculo fica de novo de todas as côres...

Olho em torno. Vejo ornamentando o ambiente de nossa elegante casa de chá, mlle. Elmira Neuschwander, muito formosa e muito sorridente; mme. Dolabella Portella, milles. Erther Silva, Pinto Pessoa, Gomes de Mattos, Lewin, Rodrigues de Souza; os elegantes

Americo de Sá e dr. Pestana, os jornalistas Porto da Silveira e José Penante, os elegantísimos drs. Dustan Miranda e Mario Guimarães; graves, sérios, hilariantemente austeros, a ingerir chá com torradas; o joven clinico dr. Sylvio Moura e o juvenil juiz dr. Evandro Netto...

A orchestra, em boa hora re-inaugurada, para delicia da ampla e distincta clientela da "Bijou", a executar um programma encantador. Entram milles, Carneiro de Souza. Gracilidade e delicadeza. Meu monoculo está agora côr de oiro...

—Meu caro Dias, como está você?

—Eu?! Como vê...

Levantam-se para sahir milles, Brandão, o joven Gomes de Mattos, o suave elegante sr. Déda. Os ventiladores continuam a embriagar em seus gyros celeres a angustia soturna de suas helices cançadas...

O dr. Dustan Miranda deixa também o salão. Sai na choreographica leveza e na ondulação juridica daquelle seu passo de moço victorioso que até no andar conduz os rythmos de todas as victorias. E a gente fica a pensar por instante, sem perfidia de monoculo, que o Alvaro Moreyra de Guarabira (a phrase é do Mario Guimarães não vae andando; vae dansando, estylisando uns novos passos de "fox-trot"...

Sinto, então, que o meu monoculo está gyranão, dansando-me na orbita, acompanhando o rythmo do andar do autor do "Tarde-cinza".

Este meu monoculo tem cada uma...

J O Ã O — D A R U A — N O V A



**PARA O INVERNO...**

O melhor sortimento  
de calçados  
apropriados para  
a epocha,—

Galochas

Americanas

e Allemães

e Chapéos de pello e lebre

E' O DA

**Casa Excelsior**

Livramento 53—Phone 2568

O QUI  
NÓS VÊ



NA  
CAPITÁ

Cumpade um cause eu ti conto,  
Nu Recife tá paçando,  
Uma ingrizia danosa,  
Qui os home tam imbirrando,  
Uma lezera cumpade,  
Qui os tempo vai tomando.

Lisiaro cando o avião,  
Vorta dos are, derrêa,  
Percisa pará em chão,  
O em capim ô na arêa,  
Dize qui é hndra a manobra,  
Mai Candoquinha acha feia.

Ese canto, seu cumpade,  
Axaram um nome prá ele,  
Mai nam quere uns tá doutô,  
Otros o nome ripele,  
Prú mode deça bestera,  
Eles só farta ire a pele.

Incanta moça, um fala,  
Incha moça o ôtro á bessa,  
Campina du bode, escrama um,  
Dando nome aquela terra,  
Os bicho luta na pena,  
Prá vê quem ganha, quem erra.

Giberto Frêre, iscrevendo,  
E' munto conservadô,  
Diche qui é "Incanta moça",  
U nome qui deve pô,  
Us doutô grita di riba,  
Iço é nome prá doutô.

Maro Melo, secretario,  
Du Arquilogo pavião,  
Qué butá naquela terra,  
Nome di Santus du Mão,  
Carro e Samué Campelo,  
Nam qué qui si bote não.

Samuê pelo Diaro,  
Fai torcê toda a negrada,  
Conta a istora da moça,  
Cuma foi all incantada,  
Diche tim-tim prú tim-tim,  
In três ô quatro penada.

Carro Perêra da Costa,  
Fio du véio escritô,  
Derribô duas istante,  
Da moço u incanto provô,  
Lêu trinta dia, uns livro,  
Qui as pestana si quemô.

Giberto foi munto longe,  
Desna o noço pal Adão,  
Invocô Noé, Divíde,  
Saú, Jacô, Salomão,  
Trôche as Santas Iscritura,  
Dando cá Bribia a rezão.

Maro Melo ai danô si,  
Cum seu Pedro Arves Cabrá  
U moço descubridô,  
Quiz ece cause prová,  
Invocô seu Tira Dente,  
Bequimão e Mem di Sá.

Leu uns livro da ciencia,  
As éstora du Brazí,  
Viajô prú Purtugá,  
Prá vê as istora dali,  
Pelos jorná veio dizendo  
Qui o nome nam é dai.

Fimarmente, nam si sabe,  
Nem chegaro a concrusão,  
Qui ai moça nece imbruio,  
Prova logo a discução,  
Onde ai muíe eu tô mitido  
Tenio parte na questão.

Qui ôve muíe um lugá,  
Diche Inocenso i Budião,  
Agora nam sabe cando,  
Nem tombem da castião,  
Si preguntare ao Quoeresma,  
Ele dá diffinição.

Incanta moça... quem sabe!  
Incha moça, pode vê,  
Preguntem aus caranguejo,  
Só eles podem sabê,  
A moça cando si incanta,  
Bõa coisa não ai di sê.

Si foce véia agaranto,  
Ninguem dizia u'a linha,  
Tu nam acha, Lisiaro?  
Pregunta a tua Rosinha,  
Sordades dus seus cumpade,  
POLICAIPO e CANDOQUINHA.

**CASA PRAXEDES**

— DE —

**Alexandre Praxedes**

Alfaiataria Civil e Militar

**Rua Sigismundo Gonçalves n. 129 -1. andar**

(Aito do Grande Ponto)

Entrada pelo oitão

TELEPHONE 201

— **RECIFE**

# A DOMADORA

Quando a acabou de afiar, Bruno quiz experimental a e num golpe aglissimo atirou a lança que se foi cravar no tronco duma arvore.

— Assim! exclamou com gesto tóscico, vendo extremecer a lamina. E concluiu seu pensamento:

— Assim cravarei os dois, elle e ella.

Deu alguns passos.

— Desgraçados! Fazêrem isso ao indio Bruno...

Desprendeu a arma com raivoso empuxão. Empunhou a um instante mirando, mirando, remirando a como si antegozasse já a volupia com que dentro em pouco, ao surprehen. del-os, ia "beber lhes o sangue".

— Fazêrem isso ao indio Bruno, repetio, sorrindo, com esgar horrozo.

Logo olhou o sol para saber que horas eram...

— Disseram ás quatro, no açude... Vamos já.

E protegido pelos capões de mato, dirigiu-se ao lugar do encontro, que ouvira de manhã marcar á Rosa, a Felix, o feitor da Fazenda vizinha.

Rosa era uma mulher. Uma matutona moça e fresca, de carnes morenas e massiças, com lindos olhos negros, redondos e inquietos.

Dois annos de vida em sua companhia, em completa indiferença e ignorancia de qualquer outra coisa levára elle, mas seus impulsos continuavam os mesmos dos primeiros dias.

Homem bom era Bruno. Decerto demasiado inculto, um tanto aspero de genio e mesmo brutal quando,

como elle proprio explicava, lhe faziam subir o sangue á cabeça; por rem forte e trabalhador, como bem o provára.

Entre suas mãos curtas e duras, cheias de callos, crescia dia a dia de seis a seis, o thesouro do seu rancho. E cada colheita preparada pelo seu labor desde a semente até a flôr e ao fructo era maior que a anterior.

Com effeito, de sol a sol trabalhava com firme enthusiasmo. Já sabia que, de volta á casa, depois da rude tarefa, Rosa o estaria esperando, limpinha e tãful. Mal apparecesse na curva do caminho, correr-lhe-ia ao encontro, para limpar-lhe o suor do rosto, ajudal-o a carregar as ferramentas, observando-lhe commovida:

— Estás cansado, Bruno!

Mas, que importava! Trabalhava para a sua mulhersinha e nunca se cansava. Isso lhe dizia, então, pon-do-lhe a mão sobre o hombro:

— Como é para ti não sinto o trabalho.

Depois, all mesmo, a invariavel pergunta:

Que me guardaste?

E a invariavel resposta:

— Eu todinha!

E saber agora que o enganava!

Oculto, calmamente numa moita e, cutára tudó:

— Sabes, Rosa venho estar contigo aqui?

— Estás louco, Felix. Aqui não.

— Sim, minha negra. Aqui é o melhor lugar.

— Estás doido. Póde vir gente.

— Não tenhas medo. Estão todos no trabalho.

— Não! Aqui não!

— E's cabeçada!

— E tú tambem... Que teima!

— Para que enfeitigaste?

— Para que me pagues o teu feitiço.

— Tú que me vaes pagal-os todos juntos... Comer-te-ei de bellos!

— Mas não aqui.

— Onde quizeres, então.

— Bem. Onde ha de ser? No açude, ás quatro horas, como de costume.

O primeiro impulso de Bruno foi atirar-se sobre os dois e mata-los all, mas conteve-se e conveio, repetindo entre dentes as palavras delles:

— No açude, ás quatro horas, como de costume!

Quando o Bruno chegou ao pé do açude que até então protegera os amores do feitor e de sua mulher, já elles estavam all.

Completamente absorto, Felix acabava de gravar a canivete o nome de Rosa na casca duma arvore. A moça, abraçada ao pescoço do im-provisado artifice, descansava a cabeça sobre um dos seus hombros.

Com felina cautela, Bruno pôde approximar-se sem que o presentissem. Já ao roçar os dois, gritou, ameaçador, lança em riste:

— Felix!...

Os dois homens fitaram-se cara a cara, os olhos nos olhos. Embora parecessem calmos, subita pallidez quasi lhes desfigurava as feições.

Felix provocou logo a solução:

— Então, vieste matar-me?

Sem responder-lhe, antes que tí,

Mez de Abril

—:—

13.º ANNO

da classica VENDA ANNUAL da  
**Chapelaria Colombo**

CABUGA'—118

Reducção geral, como nos annos anteriores

# Casa Gondim

Neste estabelecimento, o mais confortavel do Recife, as exm.<sup>as</sup> senhoras e cavalheiros encontrarão, durante este mez, modernos e lindos tecidos, perfumarias, artigos para homens e para presentes.

A Casa Gondim se impoz no commercio desta capital pela vantagem que offerece nos seus preços e pela escolha de seus artigos.

Rua Barão da Victoria 155 — Phone 639

vesse tempo de se mover, o outro se atirou sobre elle e enterrou-lhe a lança até o meio no peito, rugindo:

— A mim ninguem suja de balde!

Cambaleante, o ferido retrocedeu alguns passos e se desaprumpou.

Rosa viu o corpo rolar pela parede do açude até cair na agua. Animada por uma coragem selvática, gritou ao marido:

— Covarde! Mataste-o como a um cão!

— Assim tinha de ser! replicou elle furioso, e assim...

Com os braços estendidos e a bocca contorcida num rictus de avidez assassina, dirigiu-se para ella. Rosa esperou de frente erguida, resigna-

da, disposta a tudo.

As mãos homicidas colheram-na de chôfre pela garganta. Procurou libertar-se. Forcejou raivosamente. Os dois corpos se chocaram, se ajuntaram, opprimindo-se em offêgos violentos e apertos que fôram impessionando as carnes e os sentidos do indio, premidos de encontro ás suas formas elasticas.

A desesperada refrega durou um instante.

Logo, os dedos que já asphyxiavam a victima cessaram de se apertar e por fim completamente se afrouxaram numa especie de inevitavel desconjuntamento. Depois, as mãos, dantes crispadas, juntaram-se abertas, formando como uma taça

atrás da cabeça, na nuca de Rosa, e suavemente a atrahiram pouco e pouco para a cara de Bruno.

Sem comprehender o que se passava, ella se libertou num brusco repellão e, a dois passos d'elle, meio suffocada, desafiou-o:

— Anda cachorro, mata-me!

O indio fitou-a intensamente e, com gesto desfallecido e voz apagada, retrucou:

— Não Rosa! Não pode ser! Para isso, eu não tenho forças!...

De bruços se atirou ao chão que regára de sangue, e desta vez, por causa della também, o regou com suas lagrimas.

DIOGO BAPTISTA FERRER

Não esqueça V. S.  
que a

# Casa Muniz

continua a manter em Recife  
a primasia no sortimento de finos calçados e chapéos de luxo.

Imperatriz, 246 — Telephone, 679

# QUEBRA CACHOLA

## Torneio da Paschua

### CHARADAS NOVISSIMAS

134) A armadilha de ladrões tam-  
bem serve para apanhar peixe. 2—1  
*Flôr do Japão*

(Para a sympathica e erudita MI-  
nerva)

125 — Encontrei em Karara Ghaz  
uma especie de vagem contendo be-  
bida. 1—1.

*P. Z. Ta*

(Ao abalidado collega Onidranreb)

126) Sinto uma depressão quan-  
do se diz que em cadeira não é  
logar de se sentar "almofadinha" 2—2.

Bello Jardim.

*Fausto Freire Netto*  
ELECTRICAS

127) O illustre portuguez que foi  
commissario geral do exercito, con-  
quistou a sua primeira victoria nes-  
ta cidade. 2.

*Lyrio das Pontes*

128) Assassinarão neste rio o  
magistrado e estadista portuguez. 3.

*Venus de Milo*

### CASAES

129) Todo caçador usa carapu-  
ça. — 3.

*Miroma*

130) A mulher de Tyndaro sem-  
pre viveu alegre. 2.

*Onidranreb*

131) De um galho desta arvore  
fiz um ovado. 2.

*Rocambolê Junior*

### SYNCOPIADA

132) A baleia só pode ser vendi-  
da a peso. 4—2.

*Raul Fateiza*

### METAGRAMMA

(Varia a 4.ª letra)

133) E's um ignorante! Não sa-  
bes onde fica este rio? 5—2.

*Rosalvalva*

### PLURALISANTE

134) No centro dailha eleva-se  
uma serra 3.

*Reco-Reco*

### MEPHISTOPHELICA

135) O peixe cahiu no rego e fi-  
cou preso no tecido de algodão. 3.

*Minerva*

### EM QUADRO

(Por letras)

136) Numa profunda caverna.  
(Sem razão p'ra tal maldade.  
Alguem collecou um vaso,

De rara capacidade.

S. Benedicto.

*Waldemar*

### CORRESPONDENCIA

Recebemos de *Waldemar* (S. Be-  
nedito), *Fausto Freire Netto* (Bel-  
lo Jardim) e *Mario Elias Leal* (Es-  
pinheiro).

### NOTA

O charadista *Fausto Freire Netto*,  
de Bello Jardim, já é inscripto nes-  
ta secção.

### RECTIFICAÇÃO

No numero passado, a charada ca-  
sal n.º 119 é de *Raul Fateiza* e a  
metagramma 121 de *Rosalvalva*.

### RECADOS

Mlle. 3—8—18—9—19—20—  
9—14—1—(Concordia) — A

belleza, é como as flôres: Sua du-  
ração é transitoria; portanto jamais  
servirá de arma de defeza para a  
mulher. Já leu "As Mascaras" de  
*Menotti del Picchia*?

Mlle. faz-me lembrar algo deste  
livro.

Já leu "Mlle. Cinema"?

O homem sente-se orgulhoso em  
ser dominado, porque elle dominado  
está dominando.

"Não quero dizer dominado... pe-  
la paixão, pois o homem que se  
apaixona é um allucinado.

Se elle tem o meu temperamento  
soffre.

A sociedade actual está cheia de  
"Milles. Cinema", "Inconstancia" e  
"Colombinas". A hypocrisia chegou  
ao auge.

Namora-se como se faz o footing,  
no dizer de Costallat, portanto  
Mlle. faz bem.

Já leu o n.º 19, de 25 de janeiro  
da Rua Nova?

Adeus. Accelte um sorriso de  
*Pierre* e um beijo de *Arlequin*.

— "Que horror!!!..."

*Flôr do Japão* — Eis sua chara-  
da novissima: "Minha gana de  
chegar em casa era tal, que não vi  
na minha frente o rio... (3—2)".  
Solução: *Lauric*!!!...

Como pode ser isto?! Um comple-  
to contrasenso!!!... O rio que esta-  
va á sua frente, era com certeza o  
rio... de sua ignorancia!!!... A  
cesta que lhe persiga...

*P. Z. Ta*. — Você, "seu" *P. Z. Ta*,  
apaixonado pela "pequena" diz que  
a cor dos seus olhos não é natural;  
avale se o não fôsse!

Chegará a dizer que a sua denta-  
dura, cabelleira e mais alguma coi-

sa eram supostos!!!... Que hor-  
ror!...

*Fausto Freire Netto* — (Bello  
Jardim) — Em primeiro lugar  
agradeço-lhe a entrega dos premios.  
Sua collaboração nos enche de ale-  
gria. Continue a enviar trabalhos.  
O regulamento é o mais vulgar pos-  
sivel. Estou convicto que você não  
o transgredirá. Acho-me prompto  
para auxiliar-lhe no que estiver ao  
meu alcance.

Como vae a poetisa? Foi um dia...  
Conhece por ahí algum *Vilalino* que  
esteja "voando"...?

*Waldemar*. — (S. Benedicto) —  
Accuso a recepção de sua cartinha  
acompanhada dos trabalhos.

A *Mlle. Cinema* era o mesmo *Ba-  
telão*. Não desconfiou? Agradeço-  
lhe as boas referencias quanto á  
actuação.

Não desanime. O Torneio está fra-  
co e não ha fortes decifreadores.

Quanto ao regulamento, leia o  
que eu disse ao *Fausto*. No mais  
aqui estarei ás suas ordens.

*Rocambolê Junior*. — Eu estava  
na redacção quando recebi sua cor-  
respondencia.

Você estava phantasiado de *Reco  
Reco*, não foi? Maganão!

*Venus de Milo* — Como vae o  
nosso *P. Z. Ta*? Elle tem "encos-  
tado"?

*Lyrio das Fontes* — *Myosotis* ain-  
da está resentida com "aquella"  
canção carnavalesca? Não ha mais  
razão. O seu casamento teve logar  
ás 9 horas do domingo em frente  
ao "Jornal do Commercio".

*Onidranreb* — Que fim levou vo-  
cê, seu *Onidranreb*? Apareça.

*Miroma* — Está muito adiantado  
na lista de decifrações?

*Minerva* — Eu soube que a colle-  
guinha não largava o dictionario.  
A sua victoria deve ser mathema-  
tica.

*Reco-Reco* — Que noticias você  
me dá do *K. Bo 70*?

*Leny Galhardo*, *Losa Shara*, *Vi-  
talina do Caritô*, *Flôr de Lotus* e  
*Chrysand'Alva* — Mandem traba-  
lhos.

*Tapuyo Parahybano* — (Parahyba  
do Norte) — Envie collaboração.

*Mario Elias Leal* — (Segunda-  
feira — 2 horas da tarde) — Aca-  
bo de receber sua correspondencia.  
Como sempre, foi acolhida com toda  
satisfacção.

Na verdade o collega tem razão.  
Sua falta foi justificada. Espero-  
lhe hoje na redacção ás 3 horas da  
tarde. Desculpe-me. Não sou cul-  
pado. Seus trabalhos não foram pu-  
blicados porque a secção é compos-  
ta logo na segunda-feira pela ma-  
nhã, quero dizer, fica organizada  
no domingo, antes de minha ida ao  
Moderno. Perdão. Não fica zanga-  
do? Publical-os ei no proximo nu-  
mero. Grato pela Antiga. Só houve  
tempo de acrescentar este recadil-  
ho, justificativo. Não falte hoje.

BATELÃO



Neste edificio é onde se fabrica a melhor Cerveja do  
— **BRASIL** —

## Amorim, Fernandes & C.<sup>a</sup>

— :: **Commissões e Consignações** :: —

Armazens de Estivas em grosso

**Carque, Cereaes e Farinha de Trigo**

Vendedores exclusivos da manteiga **Salinger**,  
Aguardente **Mulata** e Gazozza **Mimi**.

Endereço Telegraphico **ESTIVA**

Telephone, 1920 \* \* Caixa Correio, 129

**Rua Vigario Tenorio, 185**

**Rua do Amorim, 140-141**

**Pernambuco**

# CLUB PERNAMBUCANO

O mais luxuoso do Norte do Brasil

## PATEO DO PARAIZO

As maiores novidades artísticas no genero de "Cabaret"

Todas as noites de 8 ás 2 1/2 da madrugada

Restaurant de 1.<sup>a</sup> ordem — Orchestra optima

**HOJE!** ————— **HOJE!**

Brilhantes trabalhos de

**WALLY** — Cantora Inglesa

**VICULIA** — Internacional Chanteuse

e **Mlle. Wanda Bruckner**

**Todas as noites novidades!!!**

"Pettit Concerto", de 8 horas da noite ás 10 1/2.

"Cabaret Chic" das 10 1/2 ás 2 da manhã.

Primeiro "cabaretier" sul americano

— **:: TAMBERNICK ::** —

que tem logrado grande exito nas ultimas noites